

Estudos em
RELIGIÃO
Teologia, Símbolos e Sociedade

Resiane Silveira (Org.)



Estudos em
RELIGIÃO
Teologia, Símbolos e Sociedade

Resiane Silveira (Org.)



2022 – Editora Uniesmero

editora.uniesmero.com.br

uniesmero@gmail.com

Organizadora

Resiane Paula da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editores e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Érica dos Santos Carvalho, Secretaria Municipal de Educação de Minas Gerais, SEEMG

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587r Silveira, Resiane Paula da
Estudos em Religião: Teologia, Símbolos e Sociedade - Volume 1 /
Resiane Paula da Silveira (organizadora). – Formiga (MG): Editora
Uniesmero, 2022. 62 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-84599-79-6
DOI: 10.5281/zenodo.7192235

1. Religião. 2. Teologia. 3. Símbolos. 4. Sociedade. I. Silveira,
Resiane Paula da. II. Título.

CDD: 291
CDU: 291

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Uniesmero
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniesmero.com.br
uniesmero@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniesmero.com.br/2022/10/estudos-em-religiao-teologia-simbolos-e.html>



AUTORES

**ADENILTON MOISES DA SILVA
ALEXSANDRO MELO MEDEIROS
CAIO FELIPE GOMES VIOLIN
NÍVIA ROMÁRIA DOMÍNGUES VIÇOSA
VITOR CESAR PRESOTI**

APRESENTAÇÃO

Religião é um sistema de regras e valores morais estabelecido por meio de crenças e práticas que caracterizam um grupo de indivíduos. Um aspecto importante das religiões é servirem de ponte entre o mundo humano e o espiritual. As crenças mencionadas são introduzidas por meio de narrativas que procuram atribuir sentido à vida. Elas também explicam a origem das coisas, como o mundo e o universo.


Nesse momento de crise sanitária, os seres humanos são chamados a reaprender a viver. Essa deve ser a grande lição: olhar outros humanos, e demais seres vivos, com respeito. “Amar ao próximo como a si mesmo”. Faz-se urgente deixarmos o individualismo para viver uma sociedade coletiva, deixar para trás o “eu” e construir o “nós”. A educação (humanizada) deve ser voltada para a colaboração e não para a competição.

Em tempos em que o Estado laico no Brasil é subvertido por meio de relações escusas entre religião, poder econômico e representação política, e em que o restante do mundo vê reforçadas as dimensões religiosas de conflitos entre povos, a luta contra a intolerância religiosa e a existência de iniciativas que promovem o diálogo inter-religioso se tornam ferramentas de transformação social da maior importância.

A sociedade atual, conforme ponderado pelos religiosos, precisa repensar os valores que orientam as decisões pessoais e coletivas. O que propõem é uma profunda reflexão sobre uma “nova sociedade”. Com valores humanos, voltados para a colaboração, para uma cultura de paz, em que prevaleça o respeito e a diversidade.

SUMÁRIO

Capítulo 1 A RECONFIGURAÇÃO DO RELIGIOSO NA CONTEMPORANEIDADE: A RELIGIÃO COMO PRODUTORA DE SENTIDO.....	8
<i>Adenilton Moises da Silva</i>	
Capítulo 2 O LAICATO FEMININO NA IGREJA: A VOCAÇÃO E A MISSÃO.....	17
<i>Caio Felipe Gomes Violin; Nívia Romária Domíngues Viçosa</i>	
Capítulo 3 O ESPIRITISMO NO BRASIL: BREVE LEITURA DA ENTRADA E DIFUSÃO DA DOCTRINA NO PAÍS.....	33
<i>Vitor Cesar Presoti</i>	
Capítulo 4 UNIVERSALIDADE E IMPARCIALIDADE NA FILOSOFIA ESPIRITUALISTA DE PIETRO UBALDI.....	49
<i>Alexsandro Melo Medeiros</i>	
AUTORES.....	61



Capítulo 1
**A RECONFIGURAÇÃO DO RELIGIOSO NA
CONTEMPORANEIDADE: A RELIGIÃO COMO
PRODUTORA DE SENTIDO**
Adenilton Moises da Silva

A RECONFIGURAÇÃO DO RELIGIOSO NA CONTEMPORANEIDADE: A RELIGIÃO COMO PRODUTORA DE SENTIDO*

Adenilton Moises da Silva

Doutorado em andamento em Ciências da Religião, na UNICAP.

adenilton.silva80@gmail.com.

Introdução

O universo religioso como produto sociocultural é suscetível às mutações, reajustes, reinterpretações, novas relocações. Para análise desse caráter processual, usamos como chave de leitura o conceito de “bricolagem”, segundo Danièle Hervieu-Léger (2008). Tal conceito remeterá à fala de Peter Berger, na obra *Os múltiplos altares da modernidade* (2017), que aborda a noção de “contaminação cognitiva”, no desenvolvimento do pluralismo na modernidade, além da compreensão de Berger e Luckmann, em *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido* (2004), ao afirmarem que o “objeto intencional é construído por diversas realizações de síntese da consciência” (p. 14). Aqui, podemos interpretar que a construção do objeto é intencional, é o resultado do processo de bricolagem que o indivíduo elaborou. Essa elaboração são os reajustes daquilo que está desconexo aparentemente, os pedaços dos fundamentos das experiências religiosas construídas pelas tradições, que são reinterpretadas pela ótica do indivíduo desinstitucionalizado.

* Este artigo já foi publicado, anteriormente, com o título “A (re)composição do cenário religioso na contemporaneidade”, no Colóquio Internacional “Além das filosofias continentais e dos cristianismos coloniais”, promovido pela PUC-Campinas, entre os dias 09 a 13/05/2022, com o ISSN 2675-7664.

1. A religião como produtora de sentido: a bricolagem e a contaminação cognitiva

Berger e Luckmann norteiam essa pesquisa ao situarmos a ideia da construção do sentido: “o sentido se constitui na consciência humana: na consciência do indivíduo, que se individualizou num corpo e se tornou pessoa através de processos sociais” (2004, p. 14). O sentido é o objeto pelo qual a vida encontra motivações para ser vivida. “O sentido nada mais é do que uma forma complexa de consciência: não existe em si, mas sempre possui um objeto de referência. Sentido é a consciência de que existe uma relação entre as experiências” (*Idem*, 2004, p. 15). É em função dessa consciência que o fenômeno religioso será analisado, como relação entre as experiências, que impulsiona o sujeito a aventurar-se numa odisseia rumo ao sagrado que perpassa sua existência. As instituições religiosas cristalizaram o fenômeno religioso ao longo dum processo histórico, o colonialismo cristão, por exemplo. Isso definiu o fenômeno como patrimônio institucional. Essa organização emitiu valores e concepções de vida na tentativa de organizar outras instituições: cultural, familiar, política, social. Criou conjuntos de diretrizes fundadas em ditos e mitos que ajudaram a construir identidades locais universais. Essa estratégia produziu um processo identitário sociorreligioso em muitos países. Com o advento da secularização e do pluralismo, esse tradicionalismo colonial enfrentou reconfigurações tentando se reorganizar. As estruturas seculares, ressignificadas pelo pluralismo religioso na contemporaneidade desmoronaram as tradições religiosas por não terem condições, aparatos para responderem às novas questões da atualidade.

Como o aparato das grandes instituições religiosas se mostram cada vez menos capazes de regular a vida de fiéis que reivindicam sua autonomia de sujeitos que creem, assiste-se a uma efervescência de grupos, redes e comunidades dentro das quais indivíduos trocam e validam mutuamente suas experiências espirituais (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 28).

Danièle Hervieu-Léger analisa as performances dos indivíduos, como a necessidade de reinterpretar o desencanto frente ao institucionalismo

contemporâneo, com isso, “a crença escapa totalmente ao controle das grande igrejas e das instituições religiosas” (Idem, 2008, p. 42). Essa nova performace do crente nos ajuda a compreender a ideia de bricolagem, que trata-se da apropriação de elementos religiosos oriundos de diversas experiências vividas, criando, a partir dessas experiências e expectativas pessoais, pequenos sistemas de resignificação que dão um novo sentido à sua existência cotidiana. A perda de referência da instituição como pressuposto orientador da vida religiosa entra em discordância com a vida de inúmeras pessoas, sem a identificação com a estrutura estabelecida, vendo-a como um contralador, sem forças necessárias para responder às inquietações que permeiam a realidade humana, o indivíduo faz uso da sua liberdade de escolha, reorganizado as práticas e as crenças para recompor seu universo religioso. Essa consciência da liberdade é a ruptura com as instituições mantenedoras do sagrado. Assumindo essa independência do controle institucional, as crenças são construídas para suprir as lacunas que as instâncias reguladoras deixaram.

Afirmar o conceito de bricolagem das crenças é a confirmação de que “a crença não desaparece, ela se desdobra e se diversifica, ao mesmo tempo em que rompe, com maior ou menor profundidade, de acordo com cada país, os dispositivos de seu enquadramento institucional” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 44). É uma tendência cada vez mais confirmada e praticada pelo indivíduo contemporâneo a produção da bricolagem das crenças, pelo motivo de estar afastado das definições doutrinárias, sem se submeter aos critérios de validade ou negação, critérios comuns ao tempo do colonialismo, onde a instituição determinava o que era certo e o que era inválido. Podemos afirmar que com o processo de bricolagem das crenças, que é mais do que uma colagem de um substrato sobre o outro, mas apropriação e resignificação do religioso, o pluralismo religioso é um realidade imensurável e desafiadora às tradições religiosas, dada a “contaminação cognitiva” que a contemporaneidade e todo seu processo globalizante produz.

O sociólogo, Peter Berge (2017) nos diz que o processo das pessoas de continuamente falar umas com as outras, influenciam-se umas às outras. Para ele, a contaminação cognitiva relativiza, ao mesmo tempo, “o pluralismo religioso produz contaminação cognitiva como uma condição permanente” (2017, p. 21). Por contaminação cognitiva se entende o processo onde as pessoas se influenciam mutuamente, ou seja, existe uma ação de relação onde as contradições estabelecem

um tipo de diálogo esclarecedor de que a realidade é múltipla e reconfigurável constantemente, à medida que os sujeitos apresentam suas cosmovisões, seus pontos de vistas, suas ideias. As crenças até então fundadas em certezas subjetivas são estremecidas por outras crenças que questionam sempre num contexto de reorganização cognitiva.

A religião deixa de fornecer aos indivíduos e grupos o conjunto de referências, normas, valores e símbolos que lhes permitem dar um sentido à vida e a suas experiências. Na Modernidade, a tradição religiosa não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 34).

Na contemporaneidade, o indivíduo se dá conta, por exemplo, no caso do cristianismo, que a religião em si não é um conjunto de regras e não precisa da legitimação de um agente para confirmá-lo na fé, por isso, ele sente a liberdade de produzir seu universo religioso a partir dos substratos recolhidos durante toda a experiência de busca e encontro. A partir dos conceitos de bricolagem e contaminação cognitiva, podemos notar um processo decolonial do religioso. As tradições vindas de além-mar estão sendo removidas à medida que precisam conviver com a pluralidade das crenças. Para o institucionalismo religioso, a religião é um conjunto de normatização, de ditos e proibição ou permissões sobre o que pode e não pode, tal modelo, configura uma especulação a respeito do sagrado, mais do que uma experiência humanizadora. A religião institucional procura institucionalizar o indivíduo dando a ele os parâmetros de uma vida regrada segundo as suas exigências e seu modo de ver o mundo. O indivíduo só pode ser livre para obedecer ao livro das regras e doutrinação que sustentam aquela instituição.

1.1. Conceitos de igreja triunfante e igreja militante

Trazemos para a nossa reflexão os conceitos de “igreja triunfante” e “igreja militante”, segundo Kierkegaard, como processo decolonial da religião, assim, propor um cristianismo mais próximo do Evangelho e do indivíduo religioso, sem a interferência institucionalizante, além disso, obras como: *Migalhas Filosóficas* (2008), *Pós-escrito conclusivo às Migalhas Filosóficas Vol. I e II* (2013, 2016), e, por fim, *O*

Instante (2019), indicam que a experiência religiosa ultrapassa os muros dos colonizadores e suas falas admoestativas. Que a religião pode ser uma produtora de sentido mais amplo quando o indivíduo se descobre parte desse sagrado.

O que, então, se entende por Igreja triunfante? Com isso se entende, é a suposição, uma Igreja pela qual o tempo da luta já passou, uma Igreja que, embora ainda exista neste mundo, não tem mais nada por que nem por que lutar. Mas, neste caso, a Igreja e este mundo passam a significar a mesma coisa; e este também é o caso não apenas com tudo o que é chamado de Igreja triunfante, mas com o assim chamado Cristianismo estabelecido. Visto que a Igreja de Cristo pode subsistir verdadeiramente neste mundo apenas enquanto estiver lutando, isto é, lutando em todo o momento para subsistir. Se ela é a Igreja estabelecida, então significa que ela venceu. A Igreja militante se verifica pela luta, mas uma Igreja chamada estabelecida deve ser aquela que se verifica depois de ter vencido¹ (KIERKEGAARD, 2009, p. 211-212) (Tradução livre do autor).

Afirmando esse conceito, o autor está propondo a ideia de desalienação religiosa, causando assim, um processo decolonial de um cristianismo que foi amordaçado por uma sociedade que pretendeu assegurar benefício para a classe burguesa e imperial. Contra essa acomodação, de uma sociedade estabelecida em privilégios próprios, o autor propõe, segundo nossa interpretação, como quebra de paradigma colonial, a igreja militante. A igreja triunfante não reconhece “*el sufrimiento de la realidad o la realidad del sufrimiento*” (KIERKEGAARD, 2009, p. 191), mas a alienação da realidade, um conservadorismo dos cargos institucionais. A partir desse pressuposto, intui-se que a Igreja militante implica em reconhecer o sofrimento da realidade ou a realidade do sofrimento, lutando para conquistar seu lugar entre as

¹ “¿Qué es, pues, lo que se entiende por una Iglesia triunfante? Con ello se entiende, es el supuesto, una Iglesia para la cual el tiempo de lucha ha pasado, una Iglesia que aunque siga existiendo todavía en este mundo ya no tiene nada por o para qué luchar. Mas en este caso la Iglesia y este mundo vienen a significar lo mismo; y éste es también cabalmente el caso no sólo con todo lo que se llama la Iglesia triunfante, sino con la llamada cristiandad establecida. Puesto que la Iglesia de Cristo solamente puede subsistir de verdad en este mundo en cuanto que combate, es decir, combatiendo en todo momento para subsistir. Si ella es la Iglesia establecida, entonces significa que há vencido. La Iglesia militante se verifica combatiendo, mas una Iglesia llamada establecida tiene que ser aquella que se verifica despúes de haber vencido”.

labutas da vida. Esse exame parte de um princípio bem caro a Kierkegaard: tornar-se um cristão e sê-lo de fato, isto é, a necessidade de exercer a liberdade de consciência, a fim de ultrapassar a alienação sociorreligiosa estabelecida.

Considerações

Este artigo propôs uma análise do indivíduo religioso na contemporaneidade, de modo, que identificamos pelas atitudes, que estão além das normatizações das instituições religiosas, como mantenedoras do sagrado colonial, práticas devocionais, ritos sagrados que se desprendem das leis e liturgias tradicionalistas, para experiências subjetivas e plurais, que acompanham o desenvolvimento do secularismo e do pluralismo religioso, fenômenos que tem causado em algumas instituições religiosas desconforto e ataques de defesas, as vezes violentos, a fim de manterem seus fiéis sobre as normas do discurso colonial e amedrontador.

A análise dessa realidade, a partir dos aportes teóricos da socióloga Daniele Hervieu-Legér, com as falas sobre o conceito de bricolagem e as consequências da desinstitucionalização, como também, Peter Berger e sua argumentação sobre o pluralismo e o secularismo, além de Thomas Luckmann sobre a crise de sentido, que também aborda questões como a modernidade e a pluralidade possibilitam a compreensão do processo decolonial tão vigente em nossa sociedade contemporânea, e como esse processo está sendo construído por indivíduos frutos de sistemas cognitivos, que produzem materiais epistêmicos para descobrir novas formas religiosas sem a submissão aos sistemas institucionais. A partir dessa perspectiva sociológica, o objetivo for analisar a (re)composição do cenário religioso na contemporaneidade, e como essa religiosidade é produtora de sentido para o indivíduo, mostrando que o universo da religião tem se tornado cada vez mais amplo e multiforme, que os indivíduos tem buscado novas experiências sem a intervenção de líderes institucionalizados, mas por afinidade, entre pequenos grupos, sejam eles físicos ou virtuais.

Os mesmos já não se reportam mais as falas institucionais, mas procuram aprofundarem-se em novas experiências, tendo contatos com elementos religiosos diversos e estratificações de outras culturas, não só as colonizadoras, mas aquelas

que ultrapassam as tradições europeias ou dominantes, a fim de vivenciar um sagrado mais autêntico e mais próximo, que se adeque as cosmovisões subjetivas, fenômeno próprio do pluralismo e do secularismo, na contemporaneidade.

De modo claro, estudamos nesse artigo o cristianismo descolonial. Embora formado numa tradição cristã, cremos que a crítica kierkegaardiana ao cristianismo institucionalizado seja relevante nessa pesquisa, sobretudo, sua argumentação contundente aos pastores e a Igreja-Estatal, mostrando como a colonização reduz a experiência religiosa a uma obediência cega e desprovida de reflexão. Compreendemos a experiência religiosa para além dos muros dos colonizadores e suas falas admoestativas. De fato, a religião produz sentido mais amplo quando o indivíduo se descobre parte desse sagrado que está nele.

O que define, de imediato, a contemporaneidade religiosa é a tendência ao individualismo e a subjetividade, além disso, as crenças religiosas constituídas pela bricolagem, mediante o processo de contaminação cognitiva, dão ao fenômeno religioso na atualidade, novos contornos, elementos que tornam o fenômeno ainda mais complexo, desafiando as tradições no processo decolonial contínuo. O hibridismo praticado pelo sujeito é uma constatação dessas características definidoras do campo religioso. Portanto, a contemporaneidade religiosa passa pela desconstrução provocada pelo pluralismo e secularismo, que gera possibilidades de reconstrução de sua identidade religiosa.

Referências

BERGER, Peter. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren. *Ejercitación del cristianismo*. Madrid: Trotta, 2009.

KIERKEGAARD, Soren. *Migalhas filosófica*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren. *O instante*. São Paulo: Liber'Arts, 2019.

KIERKEGAARD, Soren. *Pós-escrito às migalhas filosóficas*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. *Pós-escrito às migalhas filosóficas*. Vol. II. Petrópolis: Vozes, 2016.

Capítulo 2

**○ LAICATO FEMININO NA IGREJA: A VOCAÇÃO E A
MISSÃO**

***Caio Felipe Gomes Violin
Nívia Romária Domíngues Viçosa***

O LAICATO FEMININO NA IGREJA: A VOCAÇÃO E A MISSÃO

Caio Felipe Gomes Violin

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na linha de pesquisa teoria, história e crítica em arquitetura e urbanismo (Bolsa NAS). Mestrando em História, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa cultura e etnicidade (Bolsa CAPES). Pós-Graduado “Lato Sensu” em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Campos Elíseos. Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2017), licenciado em História pelo Centro Universitário Fieo (2021) e graduando em Teologia na Universidade Católica de Dom Bosco (2022). Foi Bolsista CNPq de Iniciação Científica entre 2018 e 2020. Leciona Filosofia e História na Rede Pública de Ensino Médio em Campinas-SP. E-mail: caioempreg@hotmail.com

Nívia Romária Domíngues Viçosa

Pós-Graduada em Missiologia pela Faculdade João Paulo II Marília (2021). Pós-graduada em Educação Infantil pela UNICID (2012). Licenciada em Pedagogia pela Faculdades Anhanguera (2018). Servidora Pública em Louveira- SP. E-mail: n_nivia@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo trazer a reflexão do papel da mulher leiga na vida da Igreja, pois não se pode negar que elas possuem papel muito abrangente no processo de evangelização e na história institucional da Igreja. O trabalho é iniciado contextualizando as figuras femininas bíblicas, que têm como personagens principais as figuras de Raab e Maria Madalena. A partir destas figuras, é fundamentado o compromisso que a Igreja Católica precisa reconstruir e reparar com o laicato feminino na missão da vida pastoral. Assim, faz-se notar que o papel da mulher tem sido bastante atuante no desenvolvimento das atividades pastorais e permite-se entender que a mulher leiga é uma das principais protagonistas no

processo de evangelização da mensagem de Cristo. Diante da problemática da hierarquia da Igreja institucional, na qual a mulher perde todo seu espaço, é possível constatar um Clero em que não há representatividade feminina. Partindo dessa polêmica, buscou-se desenvolver, ao longo do trabalho, o real protagonismo da mulher leiga na vida eclesial. Para tanto, foi necessário recorrer a Escrituras que relatam a forte presença de mulheres que fizeram parte da história da salvação, e descrever o papel feminino no magistério da igreja, sendo possível concluir com o reconhecimento do Papa Francisco sobre o protagonismo das mulheres. As mulheres na comunidade eclesial vêm desempenhando há um bom tempo inúmeras funções, cargos e tarefas, além de possuírem uma espiritualidade de intimidade e fervorosa com um Deus feminino. Assim, o intuito deste artigo é apresentar o reconhecimento da presença empreendedora das mulheres leigas, que hoje estão à frente das pequenas Igrejas realizando diversos serviços. Pretende-se construir uma argumentação que possa gerar diálogo e o devido respeito ao importante trabalho que muitas mulheres desempenham em suas comunidades eclesiais.

Palavras-chave: Mulher Leiga. Vocação. Missão. Igreja.

Abstract: This article aims to reflect on the role of lay women in the life of the Church, as it cannot be denied that they have a very comprehensive role in the process of evangelization and in the institutional history of the Church. The work begins by contextualizing the biblical female figures, whose main characters are the figures of Rahab and Mary Magdalene. Based on these figures, the commitment that the Catholic Church needs to rebuild and repair with the female laity in the mission of pastoral life is based. Thus, it is noted that the role of women has been very active in the development of pastoral activities and it is possible to understand that the lay woman is one of the main protagonists in the process of evangelization of the message of Christ. Faced with the problem of the hierarchy of the institutional Church, in which the woman loses all her space, it is possible to see a Clergy in which there is no female representation. Starting from this controversy, it was sought to develop, throughout the work, the real protagonism of lay women in ecclesiastical life. For that, it was necessary to resort to Scriptures that report the strong presence of women who were part of salvation history, and to describe the female role in the teaching of the church, being possible to conclude with the recognition of Pope Francis on the role of women. Women in the ecclesial community have been performing numerous functions, positions and tasks for a long time, in addition to having a spirituality of intimacy and fervent with a feminine God. Thus, the purpose of this article is to present the recognition of the entrepreneurial presence of lay women, who today are at the forefront of small churches performing various services. It is intended to build an argument that can generate dialogue and due respect to the important work that many women perform in their ecclesial communities.

Keywords: Lay Woman. Vocation. Mission. Church.

INTRODUÇÃO

A figura feminina se apresenta nas sagradas escrituras desde o início no livro de gêneses. No relato da criação, Deus faz nascer a mulher da costela de um homem

para representar a união. Porém, durante séculos, a figura da mulher foi atribuída como inferior. Desse modo, ao longo de muitos anos a imagem feminina ganhou características pejorativas, tarefas serviçais e funções reducionistas à vida maternal e familiar. No entanto, com o passar do tempo, inúmeras mulheres precisaram conquistar seu espaço e desafiar-se a inúmeros obstáculos, ultrapassando barreiras e construindo o seu lugar na sociedade.

A presença feminina no Novo Testamento demonstra uma nova relação com o sagrado. Jesus Cristo consegue demonstrar uma nova dinâmica da participação feminina. O protagonismo de Maria como Theotókos, Mãe de Deus, demonstra o quanto a mulher tem seu espaço no plano de salvação. Além de Maria, inúmeras outras mulheres foram fundamentais para o processo salvífico de Jesus, pois ao longo de todo o relato é possível perceber a participação feminina em Suas pregações, Seus milagres, o acompanhando em Suas peregrinações e, por fim, doando-se ao ponto de colocar as próprias vidas em perigo. Assim, Jesus quebra paradigmas e inclui a mulher na sociedade.

A Igreja de Cristo também conquista essa característica feminina de mãe e assume a figura de esposa de Cristo. Observando a grande presença feminina dentro da Igreja, pode-se ressaltar as inúmeras mulheres que vocacionalmente assumem seu estado religioso em servir e amar integralmente a obra do reino. De outro modo, as mulheres leigas sustentam, através de seu protagonismo laical, o trabalho evangelizador missionário nas diversas comunidades espalhadas pelo mundo.

Sendo assim, o artigo apresentado será a tentativa de um resgate a olhar especificadamente às mulheres leigas. Ou seja, tem como proposta resgatar o protagonismo feminino prestado no serviço da missão evangelizadora na Igreja e na sociedade. Seu intuito é abordar a mulher leiga presente nas sagradas escrituras e magistério, de forma a revelar o verdadeiro papel feminino presente nas comunidades eclesiais e entender o processo de diferenciação entre o clero e as mulheres leigas. Propõe-se, ainda, olhar e reconhecer o papel protagonizado da mulher leiga na vida da Igreja, além de sua contribuição evangelizadora e social para comunidade cristã.

O trabalho será dividido em três partes, sendo a primeira intitulada “O protagonismo da mulher nas Sagradas Escrituras”, que apresentará a mulher presente no texto bíblico, especificadamente duas personagens, Raab e Maria Madalena, e ajudará a compreender o protagonismo histórico feminino presente nas Escrituras. A

segunda parte, “Mulheres leigas: vocação, missão participativa e significativa na vida da Igreja”, apresentará o protagonismo feminino reconhecido no magistério da Igreja, através dos documentos “*Christifidelis Laici*” e “Carta às Mulheres”, ambos escritos pelo Papa João Paulo II. Por fim, “Mulheres leigas: sua atuação na sociedade anunciando o evangelho”, pretenderá atualizar e reconhecer o verdadeiro papel da mulher leiga diante da Igreja e dos documentos escritos pelo Papa Francisco.

Portanto, a construção deste artigo é realizada a partir das vivências pastorais, pela forte presença e atuação das mulheres na vida pastoral, e pela perseverança da figura feminina e do estar presente e atuante na comunidade eclesial, tendo como intuito o resgate do papel protagonista de inúmeras mulheres leigas.

PARTE I: O PROTAGONISMO DA MULHER NAS SAGRADAS ESCRITURAS

O reconhecimento da mulher na comunidade eclesial inicia-se diante de uma religião patriarcal como o judaísmo, e a figura feminina no Antigo Testamento apresenta certo protagonismo com as personagens de Eva, Sara, Rebeca, Raquel, Mirian, Rute, Ester, Raab e Ana. No Novo Testamento, Jesus coloca em total evidência o papel da mulher na comunidade, como o de sua mãe Maria, Maria Madalena, e tantas outras mulheres que ajudaram na formação das comunidades cristãs. Portanto, no início deste artigo serão destaque duas personagens bíblicas, Raab e Maria Madalena, que, com suas vidas e testemunhos, servirão de inspiração para que se entenda a importância do protagonismo feminino na comunidade eclesial.

A mulher aparece na bíblia desde do primeiro livro, Gênesis, implicando que a origem da mulher na humanidade está associada à criação de Deus, apresentada no seguinte trecho:

Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem como nossa semelhança, e que eles dominem, sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra’. Deus criou o homem a sua imagem, a imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. (Gn 1, 26-27)

É possível observar que a figura feminina se faz presente desde a origem, sendo um elo fundamental da geração da vida. Ao longo de todo o Antigo Testamento, nota-se testemunhos icônicos da resiliência de muitas mulheres perante o judaísmo, porém, o texto que contém a história de Raab está marcado pelo seu testemunho de fé.

De acordo com os relatos bíblicos, Raab era uma prostituta que viveu em Jericó. Com esse trabalho ela mantinha a sua casa e sua família, já que era uma prática comum na época. Raab, ao longo do tempo, ouviu histórias de poder do Deus do povo de Israel e então resolveu fazer a sua experiência de oração começando a invocá-lo, e rapidamente se converteu a Ele.

Raab, ao ter contato com povo israelita quando estavam em Jericó, conhece melhor a Deus, segundo o texto bíblico:

Josué, filho de Nun enviou de Setim secretamente, dois homens como espiões, dizendo: Ide examinai a terra de Jericó. Foram, pois entraram na casa de uma prostituta chamada Raab e hospedaram-se ali. E anunciou-se ao rei de Jericó: Eis que alguns dos filhos de Israel vieram aqui esta noite, para espionar a terra. (Jos 2, 1-2)

Com esse encontro, Raab conheceu profundamente a Deus, e isso mudou completamente sua vida, pois a confiança no Deus de Israel a fez desejar servir a Ele. Após inúmeras conversas com os hóspedes, ela faz um pedido para que sua família seja poupada no dia da invasão a Jericó. Quando a cidade de Jericó foi tomada, Raab e sua família foram poupados da morte, conforme haviam prometido a ela. O motivo foi porque Raab ajudou os espiões e não os entregou ao rei, mesmo contra a vontade de sua família e correndo risco de vida. Então, após a cidade ser tomada pelos hebreus, Raab e sua família foram morar com o povo de Israel.

Raab então se casa com Salmom, descendente da Tribo de Judá, e tem um filho chamado Boaz, que foi bisavô de Davi, tomando a linhagem de Jesus. No evangelho de Mateus é possível observar a seguinte linhagem: “Salmon gerou Booz, de Raab, Booz gerou Jobed, de Rute, Jobed gerou Jessé, Jessé gerou o rei Davi.” (Mt 1, 5). Desse modo, Raab é uma das personagens mais marcantes da Bíblia e, além de ser uma das poucas mulheres citadas na genealogia de Jesus Cristo, ela é a única mencionada dentre os heróis da fé. O grande testemunho de sua vida foi a imensa

intimidade com Deus, pois, a partir de uma experiência profunda, ela construiu verdadeira fé em um único Deus.

No Novo Testamento, as experiências de fé apresentadas pelas mulheres em relação a Deus adquirem uma nova perspectiva, pois com Jesus Cristo há uma ruptura do patriarcalismo judaico. A mulher é reconhecida pelo seu testemunho, fidelidade, sinceridade e intimidade. A grandeza do plano salvífico, o qual Deus realiza para a humanidade com a vinda de Cristo, começa pela vida de uma simples mulher. Nesse sentido, a partir do “Sim” de Maria, inúmeras mulheres foram capazes de seguir o Filho de Deus, inclusive Maria Madalena, a primeira a testemunhar a ressurreição de Cristo.

O protagonismo de Maria Madalena revela sua força, mesmo que timidamente presente nos relatos bíblicos, sendo também considerada a primeira Apóstola de Cristo. Ela nasce numa pequena cidade chamada Magdala, localizada na costa ocidental do Mar da Galileia, conforme São Tomas de Aquino: o “título dado a Maria Madalena, cujo nome deriva de Magdala, onde nasceu, aldeia de pescadores situada às margens ocidentais do Lago de Tiberíades.” (VATICANO NEWS, 2016, p. 1).

No evangelho de São Lucas, Jesus expulsa de Maria Madalena sete demônios. Então, ela começa a segui-lo e se torna uma de suas fiéis discípulas, como está presente no seguinte trecho:

Depois disso, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus. Os doze o acompanhavam, assim como algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que serviam com seus bens. (Lc. 8,1-2)

A permanência de Maria Madalena junto a Jesus também é percebida nos momentos mais temíveis, como no caminho ao Calvário, onde juntamente com outras mulheres ela permanece e observa o sofrimento do seu amado, daquele que a libertou do mal. Assim é possível observar no seguinte trecho: “perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã da sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.” (Jó 19, 25). Mesmo depois do sepulcro de Jesus, Maria Madalena permanece ao seu lado, como no relato da ressurreição:

Após o sábado, ao raiar do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria vieram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto: pois o Anjo do Senhor, descendo do céu e aproximou-se, removeu a pedra e sentou-se sobre ela. [...] Não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito. Vinde ver o lugar onde ele jazia. Ide já contar aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos, e que ele vos precede na Galiléia. [...] Elas, partindo depressa do túmulo, com medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos seus discípulos. (Mt 28,1-10)

A figura de Maria Madalena é muito importante, pois seu modo de ser revela o protagonismo de uma mulher que permaneceu até o fim em prol daquilo que acreditava. Sua força e coragem foram capazes de romper uma cultura machista imposta pela sociedade. Sua resiliência quebrou barreiras, indo além da expectativa de uma mulher para época. Sendo destemida, perseverante e ousada, estava certa de que o crucificado era o Salvador da humanidade e, por isso, foi a primeira a testemunhar a ressurreição.

Contudo, por equívocos criados ao longo da história da Igreja, Maria Madalena foi caracterizada como prostituta e pecadora. A prostituta Maria Madalena, presente no imaginário da religiosidade popular até hoje, foi assim denominada pelo então Papa Gregório I, no século VI, no ano de 591 d. C. Sendo uma importante personagem bíblica feminina, ela foi, durante séculos, pela tradição da Igreja, caracterizada como tendo uma personalidade e caráter duvidosos. Para a maioria, Maria Madalena foi uma meretriz e, assim, estava impedida de ter uma vida digna como qualquer outra mulher presente na comunidade cristã.

Durante um longo período essa visão foi destinada a ela, até que no ano de 2016, o Papa Francisco faz uma leitura dessa mulher segundo o que está nos Evangelhos e encontra nela uma importantíssima figura feminina bíblica na vida de Jesus, e então decreta:

Por desejo expresso do Santo Padre Francisco, a Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos publicou um novo decreto, com a data de 3 de junho de 2016, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, com o qual a celebração de Santa Maria Madalena, até agora memória obrigatória, será elevada ao grau de festa no Calendário Romano Geral. (ROCHE, 2016, p. 2)

Portanto, após dois milênios, a apostóla dos apóstolos é reconhecida pelo Papa Francisco e torna-se Maria Madalena, a Apóstola de Cristo. Por sua participação nos Evangelhos, o Papa toma uma direção de reconhecimento pela sua ativa perseverança e pelo seu gesto de se deixar conduzir, amada pelo Evangelho, que é o próprio Cristo,

a justa iniciativa do Papa Francisco de elevar Maria Madalena ao status de apóstola é uma leitura sensível e coerente do papel dessa personagem, registrado pelo Evangelho. É uma atitude histórica de reconhecimento da figura de Madalena, não como prostituta, mas como parte integral e fundamental da comunidade dos discípulos de Jesus e protótipo de libertação para os coletivos femininos, que estão dentro e fora da Igreja Católica. (SANTOS, 2019, p. 2)

O reconhecimento de Maria Madalena como Santa e Apóstola ajuda a perceber o valor do protagonismo das mulheres na vida da Igreja, sua missão e vocação. O lado feminino da Igreja, carregado por muitas mulheres, sempre foi desvalorizado, sendo atribuído a elas alguns cargos bem misóginos. Sendo atualmente a grande maioria, frente a inúmeros trabalhos pastorais, a mulher precisa ser reconhecida pelo seu papel protagonizado frente à Igreja, assim como foi a Santa Maria Madalena. O reconhecimento do Sumo Pontífice é um grande passo para observar a força do feminino na sociedade bem como dentro da Igreja.

A primeira parte do artigo debruça-se simplesmente numa breve contextualização da presença feminina nas sagradas escrituras. Utilizando exemplos de duas grandes personagens, Raab e Maria Madalena, o objetivo deste trabalho é demonstrar a força e a resiliência dessas mulheres que deram origem às suas comunidades. A partir desses exemplos, na próxima parte será observado como esse protagonismo feminino é reconhecido no magistério da Igreja através do documento “*Christifidelis Laici*”.

PARTE II: MULHERES LEIGAS: VOCAÇÃO E MISSÃO PARTICIPATIVA E SIGNIFICATIVA NA VIDA DA IGREJA

Fazendo um avanço histórico ao Concílio Vaticano II, realizado entre os anos de 1962 a 1965, é possível entender o verdadeiro papel da mulher leiga atuante na

vida da Igreja. Existem diversos documentos oficiais, mas essa parte do trabalho está embasada nos documentos “*Christifideles Laici*” e “Carta do Papa João Paulo II Às Mulheres”. Através desses documentos, pretende-se compreender a vivência dos Leigos na Igreja. Basicamente, o Concílio Vaticano II, foi o concílio que

mais se referiu aos leigos e, pela primeira vez na história, obtiveram uma participação ativa durante os trabalhos conciliares. No entanto, muitos desafios tiveram que ser superados para que a experiência secular do leigo pudesse ser melhor incorporada à proposta renovadora do Concílio. (LIBANIO, 2005, p. 41)

Após 20 anos do Concílio Vaticano II, foi realizado um encontro em Roma, entre 1º e 30 de outubro de 1987, o chamado Sínodo dos Bispos, que tem como tema a vocação e missão dos Leigos na Igreja e no mundo. Os Bispos Sinodais fizeram inúmeras colocações e o Papa João Paulo II reuniu as opiniões, frutos do Sínodo, num documento chamado “Exortação Apostólica *Christifideles Laici*”. Esse Sínodo dos Bispos foi de extrema importância, pois os Leigos foram o foco, o centro e a essência do encontro. Conforme os versículos bíblicos de Mateus 20, 1-2: “De fato, o Reino do Céu é como um patrão, que saiu de madrugada para contratar trabalhadores para a sua vinha. Combinou com os trabalhadores uma moeda de prata por dia, e os mandou para a vinha.”, o convite foi feito para que todos os leigos e leigas fossem trabalhar na vinha do Senhor.

Houve a participação de representantes do Laicato de diversas partes do mundo para interagir e opinar nos debates. A leitura desta encíclica traz esperança e encorajamento a todo leigo e leiga que deseja desbravar este mundo clerical. Dentre os inúmeros pontos que a encíclica apresenta, o principal é a característica do leigo e da leiga sendo anunciadores do Evangelho de Cristo, tornando-se parte fundamental da Igreja e assumindo, assim, suas verdadeiras vocações.

Os fiéis leigos, precisamente por serem membros da Igreja, têm por vocação e por missão anunciar o Evangelho: para essa obra foram habilitados e nela empenhados pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo. (PAULO II, 1988, p. 37)

O documento aborda o papel do estado de vida de cada leigo, querendo destacar a realidade da mulher, sendo reconhecida com seu indispensável trabalho missionário e sua edificação da Igreja. As mulheres, segundo o documento, desempenham funções decisivas e calorosas na comunidade eclesial, estando cada vez mais ativas e presentes como chefes de família, no mundo do trabalho, e na formação de comunidades cristãs. Um ponto importante a destacar é o cunho progressista que o documento possui, levando em consideração a época em que foi produzido. A discriminação e marginalização a que a mulher era exposta pelo simples fato de ser mulher, ou seja, à misoginia, revelada na década de 90, demonstra a quebra de paradigmas que esse documento causou em ressaltar a dignidade e o protagonismo, em primeira linha, que muitas mulheres possuíam frente às comunidades eclesiais.

Os Padres sinodais dedicaram uma atenção especial à condição e ao papel da mulher, num duplícipe objectivo: reconhecer e convidar a que todos e mais uma vez reconheçam o indispensável contributo da mulher na edificação da Igreja e no progresso da sociedade; e elaborar, além disso, uma análise mais específica acerca da participação da mulher na vida e na missão da Igreja. (PAULO II, 1988, p. 49)

Esse documento dá início a um novo ciclo da vida pastoral na Igreja; aquelas que desde o princípio eram referência, foram criadas, escolhidas, e novamente vêm para afirmar sua graça e encanto. A beleza da figura feminina reflete num novo caminhar da Igreja na pós-modernidade.

No ano de 1995, novamente o Papa João Paulo II teve delicadeza ao escrever às mulheres uma carta, por ocasião da IV Conferência Mundial sobre Mulheres, na qual constam muitas realidades da vida das mulheres em diversas situações de seu cotidiano, estado civil e papel dentro da Igreja.

O Papa dá início ao documento dizendo que essa mensagem se trata do princípio mais peculiar de cada mulher, relatando suas vidas e agradecendo por sua vocação de mulher, mencionando seus direitos e sua dignidade à luz do Evangelho.

O obrigado ao Senhor pelo seu desígnio sobre a vocação e a missão da mulher no mundo, torna-se também um concreto e direto obrigado

às mulheres, a cada mulher, por aquilo que ela representa na vida da humanidade. (PAULO II, 1995, p. 2)

Sendo assim, após o Concílio Vaticano II, é possível observar uma abertura da Igreja por parte do magistério em trazer em evidência o papel do leigo na vida da comunidade cristã, principalmente a realidade das mulheres. A partir dos documentos “*Christifideles Laici*” e “Carta às Mulheres”, ambos escritos pelo Papa João Paulo II, testemunha-se um *aggiornamento* na vida institucional da Igreja, isto é, uma retomada às fontes bíblicas, na qual a mulher adquire seu devido reconhecimento, assim como acontece na vida de Raab e Maria Madalena, sendo a mulher-mãe, mulher-esposa, mulher-filha, mulher-irmã, mulher-trabalhadora e mulher-consagrada. Na próxima parte do artigo, pretende-se atualizar e reconhecer o verdadeiro papel da mulher diante da Igreja através dos documentos escritos pelo Papa Francisco.

PARTE III: MULHERES LEIGAS: SUA ATUAÇÃO NA SOCIEDADE ANUNCIANDO O EVANGELHO

O reconhecimento da mulher leiga vem aumentando gradativamente na história recente da Igreja e o Papa Francisco tem valorizado o protagonismo das mulheres, que sempre existiu, como apresentado na primeira parte deste artigo. Ele tem dado importância à voz feminina, identificando seus serviços, opiniões, colocações e observações como sendo uma expressão de unidade, ou seja, a experiência feminina complementa a voz da Igreja que, antes exclusivamente masculina, agora passa a ser de unidade e verdadeira comunhão.

Diante disso, a conduta das mulheres na vida da Igreja vem sendo oficializada e tem ganhado muitos destaques e oportunidades históricas, sendo atribuídos até cargos e funções importantes da alta hierarquia da Igreja. A participação das mulheres sempre foi primordial e sua contribuição para a missão evangelizadora tem caráter essencial. Embora a instituição Igreja nunca tivesse sido capaz de reconhecer, valorizar e amparar tal importância, o atual Pontífice possui um olhar diferenciado e real para as mulheres. É um fato histórico que a mulher sempre sofreu misoginia e, em outras palavras, foram diminuídas e consideradas incapazes por serem do sexo feminino. A Igreja institucional gerida por homens, por sua vez, não foi diferente.

Entretanto, a Igreja criada por Cristo sempre reconheceu o papel de destaque que a mulher possui diante da comunidade pelos seus serviços prestados, sua presença atuante, e seu cuidado com os mais necessitados.

A mulher tem uma sensibilidade particular pelas «coisas de Deus», sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é «o» Igreja, mas «a» Igreja. A Igreja é mulher, é mãe, e isto é bonito. Deveis pensar e aprofundar isto. (...) Também na Igreja é importante perguntar-se: qual é a presença da mulher? Sofro — digo a verdade — quando vejo na Igreja ou em determinadas organizações eclesiais que o papel de serviço — que todos nós temos e devemos ter — da mulher diminui para uma função de servidumbre. Não sei se se diz assim em italiano. Compreendeis-me? Servidão. Quando vejo mulheres que desempenham tarefas de servidumbre, não se entende qual é o papel que a mulher deve desempenhar. Qual é a presença da mulher na Igreja? Pode ser valorizada em maior medida?» (FRANCISCO, 2013, p. 1)

Na simplicidade do Papa Francisco é possível observar questões que vão além de uma teologia feminista: é o resultado de uma reflexão que busca sua origem na palavra de Deus e que deve ser refletido na comunidade. Isso significa que Igreja é mulher, é mãe, é feminina e deve ser reconhecida como tal. Através da história de Raab, é possível perceber o poder de resiliência e constância na fé que a figura feminina consegue ter. Mesmo diante de uma profissão tão indigna, ela foi capaz de reconhecer o verdadeiro Deus e ter a fé em acreditar N'ele. Na figura de Maria Madalena observa-se seu testemunho e protagonismo, melhor dizendo, a santa persistência que essa mulher teve de ter a experiência com Cristo e nunca mais abandoná-lo. Através dessas duas grandes mulheres, muitas outras estão presentes no cuidado e zelo com sua comunidade, na simplicidade de ensinar o evangelho, no amor com a liturgia, e na constância da oração.

A Igreja, ao tornar-se feminina, encontra seu exemplo na relação própria da figura de Jesus, que soube acolher e estar sempre rodeado de mulheres. A mulher desempenha um papel fundamental de qualidade na sociedade, na vida pastoral, na vida profissional e familiar, sendo o principal alicerce destes.

O fato de várias mulheres sermos nomeadas, independente da função, tem um significado bem grande: se supera mais uma barreira, se vence mais uma etapa, se escuta com mais essas características

femininas do cuidado pela vida, da atenção pelos pormenores, da capacidade de intuição em relação ao dia de amanhã. O Papa Francisco tem essa sensibilidade. (AMBRÓSIO, 2021, p. 1)

Atualmente, a mulher tem assumido lugares de destaque tanto na Igreja quanto na Sociedade, portanto, é essencial pensar no devido investimento e capacitação dessas mulheres diante das comunidades eclesiais, como formações acadêmicas, financeiras, pedagógicas, missionárias, entre outras. As mulheres precisam ter um embasamento e as mesmas oportunidades que o clero possui, a fim de terem as mesmas condições de cuidar das comunidades e ampliar suas ações missionárias.

O Papa Francisco vem nomeando algumas mulheres para variadas funções, e isso traz à Igreja uma grande vitória, pois existe na pessoa da mulher algo muito peculiar: sua delicadeza, firmeza e uma capacidade de se renovar e de se adaptar. Portanto, as mulheres, precisam buscar cada vez mais seu devido reconhecimento na Igreja, e a própria Igreja deve continuar trilhando esse caminho de unidade, já que a mulher está sempre disponível, alegre, e sente-se realizada no cuidado com o próximo. Através desse reconhecimento do protagonismo da mulher leiga, é possível construir uma Igreja feminina.

CONCLUSÃO

A mulher, de uma maneira ou outra, esteve sempre presente nas Escrituras. No início, a figura de Eva representa a força e o protagonismo de inúmeras mulheres. Com Raab, é possível observar a fé e o amor a um Deus desconhecido, sem nome, sem rosto, sem forma, mas uma certeza e confiança de que era um Deus de amor. Através do testemunho, aceitou esse Deus somente de ouvir falar, ou seja, Raab acreditou. Assim como ela, outras personagens bíblicas do antigo testamento trazem inspiração de um protagonismo que resulta na vinda do Messias. Em Jesus Cristo, vê-se a real importância do papel feminino no plano de salvação. Assim, com o protagonismo de uma simples mulher que acredita na proposta de Deus, Maria é a escolhida, agraciada por Deus para ser a Mãe do Salvador. A partir dela constata-se a importância de outras mulheres que contribuíram no movimento messiânico. Maria Madalena traz todas essas mulheres na resiliência feminina e no protagonismo de

mulher inteligente para a sua época. Com temperamento firme, forte e destemido, ela se destaca diante dos discípulos de Jesus. Foi reconhecida como pecadora e erroneamente designada como prostituta pela Igreja, mas, através de sua palavra, foi a primeira a testemunhar a ressurreição e anunciar o Senhor da vida.

O verdadeiro reconhecimento de Maria Madalena como apóstola de Cristo demorou bastante, e somente com o Papa Francisco foi revisto o posicionamento sobre ela, uma mulher que viveu com Jesus e testemunhou a ressurreição, foi considerada pelo imaginário católico como prostituta, e agora é reconhecida como a primeira Apóstola de Jesus.

Paulatinamente, a mulher leiga foi conquistando seu verdadeiro espaço, mas ainda continua sem ter muitas oportunidades, ficando somente em suas Paróquias e realizando simples atividades pastorais, tendo sua missão evangelizadora limitada e imposta pelo clero. Diferentemente disso, a Igreja precisa urgentemente, reconhecer que a Mulher Leiga ocupa um papel diferencial numa pastoral de saída, ou seja, uma pastoral com uma missão além dos muros das Paróquias, e que precisa ser investida, incentivada, descoberta, conhecida, vivenciada e amada por todas as mulheres leigas.

O investimento e a formação acadêmica das leigas ainda são lacunas existentes em muitos lugares, sendo essa diferenciação de oportunidades por gênero ainda muito presente, algo que precisa ser revisto indispensavelmente. Por que somente os homens (candidatos à vocação diaconal e presbiteral) podem estudar teologia com financiamento da Igreja?

Repensar essas estruturas presentes há séculos ajudará a fornecer às mulheres leigas os devidos preparos para a missão evangelizadora. Com a prática que as mulheres leigas adquiriram frente às comunidades, só faltará uma adequada preparação teológica para que de fato a missão evangelizadora das mulheres alcance o ápice de testemunhar o Cristo Ressuscitado a todo o povo de Deus.

Assim, a exemplo do Papa Francisco, toda Igreja Particular deveria incentivar e apoiar a participação dos leigos, especificadamente das mulheres, na formação acadêmica (Graduação e Pós-graduação), nomeações a cargos eclesiais, além de funções importantes na cúria. Isso posto, o lugar da mulher é onde ela quiser, seja na missão, na academia, na catequese, na evangelização, na administração, na

coordenação, na pastoral, no financeiro, na cúria, na liturgia ou no canto, e, para isso, a Igreja precisa dar o suporte e apoio necessário.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Ir. Márian. As mulheres na Igreja: com o Papa Francisco, superando barreiras. 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-10/papa-francisco-intencao-oracao-outubro-mulheres-igreja.html>> Acessado em: 30 mai 2021.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, Papa. A mulher na igreja e na sociedade. 2013. Disponível em: <<https://faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/download/3868/3932/>> Acessado em: 16 abr 2021.

LIBÂNIO, João Batista. Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão. Loyola: São Paulo, 2005, p.107.

PAULO II, Papa João. Carta às Mulheres. 1995. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html> Acessado em: 24 jan 2021.

PAULO II, Papa João. Exortação Apostólica Christifideles Laici: Anunciar o Evangelho. 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html> Acessado em: 10 dez 2020.

ROCHE, Arcebispo Artur. APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS. Secretária da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf> Acessado em: 10 jun 2020.

SANTOS, José Cristiano Bento dos. Maria Madalena, empoderamento do feminino na visão do Papa Francisco. Instituto Humanitas Unisinos. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591025-maria-madalena-empoderamento-do-feminino-na-visao-do-papa-francisco>> Acessado em: 24 jul 2019

VATICANO NEWS. S. MARIA MADALENA, DISCÍPULA DO SENHOR. 2016. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/07/22/s--maria-madalena--discipula-do-senhor.html>> Acessado em: 22 mai 2020.

Capítulo 3

○ ESPIRITISMO NO BRASIL: BREVE LEITURA DA ENTRADA E DIFUSÃO DA DOCTRINA NO PAÍS

Vitor Cesar Presoti

O ESPIRITISMO NO BRASIL: BREVE LEITURA DA ENTRADA E DIFUSÃO DA DOCTRINA NO PAÍS

Vitor Cesar Presoti

Mestrando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - PPCIR UFJF. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Instituição financiadora da pesquisa: CAPES. E-mail: vitorcpresoti@gmail.com

Resumo: O presente trabalho é a adequação do primeiro capítulo de uma pesquisa ainda em andamento. A pesquisa em questão visa estudar as nuances do desenvolvimento do Espiritismo Kardecista em solo brasileiro e sua conformação no *ethos* religioso nacional a partir do estudo de caso de um centro específico de uma cidade do interior de Minas Gerais. Para tanto, antes de analisar o caso propriamente dito, tornou-se necessário a confecção de um quadro geral do desenvolvimento do Kardecismo em terra brasilis. Desta forma, o trabalho aqui apresentado trata deste quadro a partir de uma cuidadosa revisão bibliográfica que abordará autores como Marcelo Ayres Camurça, Bernardo Lewgoy, Sylvia Damazio, Augusto César Dias Araújo, Célia da Graça Arribas, Emerson Giumbelli, Sandra Jaqueline Stoll, Reginaldo Prandi, entre outros autores que são referência sobre o tema. Notou-se que o sucesso da doutrina veio junto de uma nascente e crescente abertura do campo religioso brasileiro, e que ao assumir uma identidade declaradamente cristã, bem como um caráter de cura e caridade, a doutrina espírita conseguiu se estabelecer como uma nova opção no campo religioso brasileiro. Ademais, ao passo em que se desenrolavam os conflitos com a igreja católica, a doutrina espírita encontrou pontos de porosidade em relação ao seu universo de cura espiritual e desobsseções a partir de um catolicismo popular bastante aberto às ideias de uma cosmologia voltada para uma visão de mundo mais encantando.

Palavras-chave: Espiritismo. Campo Religioso Brasileiro. Kardecismo. Modernidade.

Abstract: The present work is the adequacy of the first chapter of a research still in progress. The research in question aims to study the nuances of development of Kardecism Espiritsm in Brazilian soil and its conformation in the national religious ethos from the case study of a specific center of a city in the interior of Minas Gerais. Having said that, it became necessary to create a general picture of the development of Kardecism in terra brasilis. In this way, the work presented here deals with this situation from a careful bibliography review that will address authors such Marcelo Ayres Camurça, Bernardo Lewgoy, Sylvia Damazio, Augusto César Dias Araújo, Célia da Graça Arribas, Emerson Giumbelli, Sandra Jaqueline Stoll, Reginaldo Prandi, among

other authors who are references on the topic. It was noted that the success of the doctrine came along with a nascent and growing opening of the Brazilian religious field, and that by assuming an avowedly Christian identity as well as character of healing and charity, the spirit doctrine managed to establish itself as a new option in the Brazilian religious field. Furthermore, while the conflicts with the Catholic Church unfolded, the spirit doctrine found points of porosity in relation to its universe of spiritual healing and dispossessions from a popular Catholicism quite open to ideas of a cosmology focused on a vision of most charming world.

Keywords: Espiritism. Brazilian Religious Field. Kardecism. Modernity.

Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa ainda em andamento em que analiso as nuances e o desenvolvimento do espiritismo no Brasil, único país em que a referida expressão religiosa se constituiu sistematicamente como uma religião. Esta é uma construção de cunho bibliográfico e irá abordar autores que são grandes referências sobre o espiritismo brasileiro.

Desta forma, este trabalho se propõe a ponderar sobre como uma expressão surgida no bojo da modernidade pode encontrar morada neste solo tropical hegemonicamente católico. Minha hipótese é que o espiritismo² adentra o país através de uma reverberação do advento moderno que por aqui desembocou em uma embrionária abertura do campo religioso brasileiro, sendo que, através dos movimentos da Federação Espirita Brasileira (FEB), concentrados na caridade, assistência e cura espiritual, a doutrina pode encontrar lacunas e frutificar em um terreno predominantemente cultivado por um catolicismo popular voltado para uma visão de mundo mais encantada, tendo Chico Xavier como principal mediador deste sincretismo entre este catolicismo popular e a doutrina espírita. Vejamos então como tem início esta jornada.

² Ao empregar o termo “espiritismo” nesta obra estarei sempre fazendo menção o espiritismo kardecista.

Doutrina moderna: crença e razão

O espiritismo nasce na França em meados da década de 50 no século XIX, um século caracterizado pelo advento moderno e que impactou na esfera religiosa através de elementos cientificistas e da razão secularizadora, mas que mesmo engatilhando a desregulação da crença através da perda de credibilidade das igrejas tradicionais, por outro lado, este século testemunhou o surgimento de novas formas de expressões religiosas (ARAÚJO, 2010). Dentro dessa multiplicidade de sistemas, o espiritismo francês se apresenta como uma expressão moldada pelo retrato de sua época a partir da “[...] interação de três instâncias de conhecimento: a ciência, a filosofia e a religião.” (idem, p.120). Desta forma, a doutrina espírita pode ser alocada como uma reinterpretação da narrativa cristã que assimila características evolutivas, cientificistas e racionalizantes através de uma apropriação de elementos demarcados pelo contexto moderno e que delinearam os próprios contornos da doutrina.

Neste sentido, quando colocado em “[...] contraposição ao catolicismo, o espiritismo[...]

 se apresentava “[...] como um produto de uma fé consciente[...] uma fé “[...] fundamentada não só em uma prova experimental da existência da alma, mas também em uma filosofia aceitável pela razão (GIUMBELLI, 1997, p.72)” contendo em sua estrutura “[...] uma pretensão científica [...] em desvendar o transcendente em contraposição à aceitação católica do *misterium* indecifrável.” (CAMURÇA, 2001, p.139)” Uma doutrina que em sua formulação se apropria de elementos racionais e científicos de sua época, de forma que, a princípio, foram justamente estas características modernas que se apresentaram como os gatilhos de aproximação às camadas intelectuais tanto na França quanto no Brasil colônia. (PRANDI, 2012).

As ideias do espiritismo francês começaram a despontar no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, tendo o seu aspecto científico e sua proposta racional despertado o interesse da elite intelectual do império em “[...] um momento em que várias outras correntes de ideias, originadas na Europa, invadem a intelectualidade nacional” (GIUMBELLI: 1997). Este trânsito de ideias modernas vindas da Europa se deram por meio de uma estreita ligação entre a elite imperial e a colônia francesa do Rio de Janeiro (ARRIBAS, 2009), justamente em período em que o conhecimento

filosófico e científico passava a ganhar força em detrimento do pensamento puramente religioso nas sociedades modernas, fenômeno que reverberou no Brasil, sobretudo através do Estado Republicano em 1889 e que de alguma forma colocou em movimento a embrionária pluralização confessional no país.

Espiritismo brasileiro: transformações e fronteiras

Até o advento da República, o catolicismo foi a religião imposta ao Brasil pela coroa portuguesa, sendo o único credo a possuir permissão legal em todo o território Brasileiro, de forma que, como apontado por Sanchis, “o catolicismo foi identificado juridicamente como a entidade Brasil, desde o início da colonização pelas autoridades políticas que necessitavam de um cimento social para o empreendimento colonial.” (1994, p.29). Esta hegemonia refletiu um empreendimento religioso que se desenvolveu em duas frentes, uma colonial como relatado acima, e uma catequética a depender se o clero católico estava ou não presente no território de manifestação. Este movimento desenvolveu três tipos de catolicismo no país, um ritualístico, um patriarcal e um popular³. (NEGRÃO, 2008). Com o nascimento do Estado Republicano Laico o regime de padroado da igreja católica instaurado no Brasil pela coroa portuguesa chegou ao fim e serviu como gatilho para a abertura gradual de um leque de doutrinas (filosóficas ou religiosas) modernizantes, entre elas o espiritismo, que, ao apresentarem vias de alternativas ao monopólio hegemônico do catolicismo, criaram a abertura para um campo religioso plural e agora em movimento. Camurça (1998).

Pois bem, na onda destas correntes modernizadoras, o espiritismo francês desembarcou no Brasil em meados da segunda metade do século XIX, de forma que, tanto a sua chegada através de imigrantes e o seu desenvolvimento através da colônia francesa, bem como a absorção do espiritismo pela elite imperial no Rio de Janeiro, se apresentaram enquanto importantes fenômenos que garantiram certa blindagem social à doutrina em um período em que o catolicismo reinava soberano como a religião oficial e a única legalmente tolerada no país (ARRIBAS, 2009). Em 1860

³ Como veremos mais a frente, tanto o “catolicismo ritualístico” e formal quanto o “catolicismo popular” seriam importantes atores na mediação e construção da identidade do espiritismo brasileiro.

Casemir Lieteaud publicou no Rio de Janeiro o primeiro livro espírita editado em solo nacional, *Les Temps Sont Arrivés*, entretanto viria a ser na Bahia em 1865 através da figura Telles de Menezes que o espiritismo ganharia uma dimensão pública de fato. Neste ano, Luís Olímpio Telles de Menezes abriu as portas para o kardecismo no Brasil fundando o primeiro grupo e centro espírita brasileiro, *O Grupo Familiar do Espiritismo*, considerado o primeiro centro espírita do país. (ARRIBAS, 2009; PRANDI, 2012; STOLL, 2003). Nestes primeiros anos de entrada e disseminação, a doutrina francesa não sofreria ataques ou reprimendas, de forma que seus adeptos passariam despercebidos em pequenos grupos privados, até que a partir da década de 80 do século XIX os praticantes da doutrina começaram a serem alvos da atenção da igreja católica. Desta maneira, conforme apontado por Damazio,

a luta da igreja católica contra o espiritismo se expressou através dos púlpitos, dos jornais – principalmente, O Apóstolo – e da distribuição de duas pastorais do bispo do Rio de Janeiro ao episcopado brasileiro, em 1881 e 1882, que anatemizavam os adeptos da doutrina e de sua prática. (DAMAZIO, 1994, p. 111)

Ao longo da década de 80 do século retrasado o Espiritismo vira a perseguição exercida pela igreja católica se intensificar, de forma que a visão que surgia no horizonte, apresentando o espectro da promulgação do Brasil como um Estado Laico deveria ser animadora. Entretanto, mesmo com o advento da República Laica, os espíritas brasileiros continuaram a ser constantemente acuados e coagidos pela igreja católica sob acusações de uma prática “[...] herética, satânica, praticante de necromancia e incompatível com as sagradas escrituras [...]” (CAMURÇA, 1998, p. 216). Desta forma, frente à disputa com o catolicismo em sua “[...] busca de crescimento e ampliação no campo religioso e na sociedade brasileira, o espiritismo realizou uma divisão de trabalho (idem. 2001, p. 149)” em duas frentes, a princípio uma racional, e posteriormente uma religiosa.

Em um primeiro momento os adeptos da doutrina optaram por uma manutenção dos elementos do espiritismo original, de forma que a doutrina “[...] procurou mostrar-se como um credo racional, filosófico e científico, superior a dogmática católica (CAMURÇA, 1998, p. 216). Desta esta maneira, ao buscar demarcar sua” [...] superioridade ao catolicismo [...]” a doutrina conseguiu atrair “[...]”

adeptos nas camadas médias e na elite[...]”. Todavia, na contramão do que a laicidade do Estado brasileiro induzia, o espiritismo teve de enfrentar ataques promovidos pela mídia da época nos campos literários e intelectuais, e sobretudo, teria que atravessar um duro golpe, pois a partir de 1890 com a instituição do Código Penal, os espíritas passariam a responder judicialmente a processos condenatórios por suas práticas. Desta maneira, conforme apontado por Camurça (1998), neste segundo quadro, ao passar a ser acuado pela repressão exercida por parte do Estado, por parte do pensamento acadêmico e por parte do axioma intelectual católico conservador, de forma que em conjunto, estes elementos associavam a doutrina ao charlatanismo, fraudes e distúrbios psíquicos, o espiritismo brasileiro se viu incentivado a buscar uma identidade através dos meios constitucionais sob o aspecto da liberdade religiosa. Este movimento de absorção de uma “[...] faceta religiosa-caritativa[...]” possibilitou à doutrina “[...] angariar um grande prestígio, difuso, mas disseminado em toda a sociedade (CAMURÇA, 2001, p. 149)”. Como veremos a seguir, foi justamente através deste movimento que o espiritismo brasileiro trilhou os caminhos que mais tarde o levaria a se definir “enquanto uma religião dentre as outras, como uma doutrina baseada no evangelho, norteadada pela caridade, pela ajuda desinteressada, e pela gratuidade de seus serviços espirituais” (idem, 1998).

Toda esta agitação inicial em um momento de construção de identidade e legitimação no campo religioso brasileiro culminou no que Arribas aponta como uma

[...] reorientação da atuação institucional da FEB, que por estratégia passou a enfatizar no espiritismo seu caráter *especificamente religioso*, conduta que acabou modificando definitivamente a presença (e o modo de presença) do espiritismo no Brasil (ARRIBAS, 2009, p. 31).

Por tanto, este movimento da FEB seria um das primeiras ações institucionais de reorientação do espiritismo, que em 1895 foi complementada pela “[...] primeira reforma nos estatutos da federação em que [...] a instituição definiu-se pelo espiritismo cristão” (DAMAZIO, 1994, p. 43). Este foi um indício elementar de descolamento do espiritismo brasileiro em relação às estruturas do espiritismo francês, já que este último, mesmo tendo o elemento religioso como base para sua fundamentação, ainda sim se apresentava enquanto uma expressão nascida no bojo de um processo

modernizante de laicização e secularização que, por sua vez, resultou em uma das principais marcas da doutrina francesa, um credo de uma fé racionalizada, científica e filosófica. Desta forma, caberia então ao médico Adolfo Bezerra de Menezes liderar os processos de re/estruturação do espiritismo brasileiro.

Bezerra de Menezes é considerado por muitos autores como o pai fundador do espiritismo brasileiro, uma vez que foi capaz de coordenar e agrupar as várias agremiações da doutrina espalhadas pelo país, bem como nortear os caminhos que a doutrina veio a trilhar até a construção de sua identidade. Vale ressaltar que o Dr. Bezerra, assim como outros espíritas ilustres, foi levado às luzes da doutrina a partir do que talvez possamos demarcar como o elemento mais importante do espiritismo brasileiro, a cura espiritual⁴. Bezerra de Menezes assumiria a doutrina através de três episódios de cura ocorridas dentro do espiritismo e que envolveram sua família, a cura da dispepsia crônica que ele mesmo era acometido, a cura de sua segunda esposa por meios homeopáticos através dos médiuns receitistas, e por último, mas não menos importante, possivelmente o caso mais impactante, o diagnóstico de um transtorno obsessivo e a cura espiritual de um de seus filhos por meio da desobsessão⁵. (CAMURÇA, 2001; DAMAZIO, 1994).

Em 1889, Bezerra de Menezes assumiu a presidência da FEB pela primeira vez e tão logo passaria a executar uma tentativa de aproximação dos grupos espalhados pelo país através do primeiro Congresso Espírita Brasileiro, seguido da assembleia que efetivaria a um regime federativo como lei orgânica do espiritismo no Brasil. Seria também sob a orientação de Bezerra de Menezes que a FEB adotaria uma doutrinação mais acessível e popular, visando um público mais homogêneo em

⁴ Para uma análise mais detalhada sobre o lugar da cura espiritual no desenvolvimento do espiritismo brasileiro ver: CAMURÇA, Marcelo. Entre o cármino e o terapêutico: Dilema intrínseco ao espiritismo; Rhema, v.6, n.23, p. 113-128, 2000 e CAMURÇA, Marcelo. Entre o carma e a cura: Tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. Plura, Revista de Estudos de Religião, v.7, nº 1, p. 230-251. 2016.

⁵ “O processo de cura da obsessão, chamado desobsessão, é dirigido diretamente pelos Espíritos Superiores do Plano Espiritual. Os médiuns são apenas instrumentos destas forças benfazejas que, através da doutrinação dos Espíritos obsessores, visam demovê-los de seu domínio sobre os obsidiados, e desta forma reintegrando ambos (obsessor/obsidiado) no processo de evolução espiritual” (Camurça, 2000, p. 119).

vez das plateias mais eruditas das conferências que atraíam as camadas mais letradas da população. Entretanto, apesar de todos seus esforços em seu primeiro mandato, apenas na sua segunda passagem pela presidência da FEB em 1895 que de fato Bezerra de Menezes, através de uma política conciliadora interna ao movimento espírita, conseguiria promover as reformas na federação, fazendo com que a FEB passasse a atuar como um grande guarda-chuva das diversas federações estaduais espíritas que já se multiplicavam por quase todo o território nacional (DAMAZIO, 1994).

Desta forma, tanto o movimento de popularização da doutrina espírita, quanto à adoção à ênfase ao elemento religioso, ambos iniciados pela FEB sob a gestão de Bezerra de Menezes, que abririam os precedentes para outro aspecto fundante do espiritismo brasileiro, o caráter assistencialista assumido pela doutrina. Por isso mesmo, justamente o serviço de assistência, sobretudo através da medicina mediúnica pelo crivo da caridade, que operou como a verdadeira ponte do espiritismo com as camadas mais populares, de forma que rapidamente os serviços de assistência se tornariam a esfera mais atuante da FEB, levando multidões a lotar os salões da entidade em busca de receitas homeopáticas prescritas por médiuns que incorporavam os espíritos de médicos falecidos e que também operavam curas espirituais bem como desobsessões (DAMAZIO, 1994).

Neste sentido, se a adoção da ênfase religiosa por conta da pressão exercida, principalmente pela igreja católica e pelo aparato estatal culminaria em um primeiro movimento de formação do espiritismo brasileiro, a incorporação em larga escala dos eventos de cura espiritual através da faceta da caridade seria outro aspecto central da identidade espírita no país. Em se tratando do elemento caritativo assumido pela doutrina, Camurça aponta que a “[...] a caridade foi utilizada como instrumento de legitimação pelo espiritismo kardecista[...] empregando assim “[...] a mediunidade com fins de cura[...]” sob o aspecto de um exercício de “[...] caridade moral para com a humanidade sofredora [...]” de forma que seria como “[...] religião e não como medicina que procuravam aliviar as dores físicas e mentais dos enfermos” (2001, p 134).

As atividades kardecistas reivindicadas como circunscritas à prática da caridade funcionavam também como ‘divisor de águas’ para diferenciá-las da prática ‘da magia e sortilégio’ com que eram confundidas e acusadas pela religião dominante [...] através deste

complexo de atividades caritativas, o kardecismo logrará granjear uma reputação de normalidade e respeitabilidade na sociedade que o credenciará um reconhecimento pelo Estado, que o viu com bastante suspeita no seu nascedouro. (ibid, p. 134-35)

Este viria a ser o principal evento a fazer com que no Brasil a doutrina espírita, por conta das querelas com o Estado, das disputas por terreno com a igreja católica, bem como sua busca por identidade, acabasse por se legitimar por meio da prática da caridade perante a sociedade e as instituições que a acusavam e a perseguiam. Desta forma, segundo Camurça (2001), o resultado deste movimento é que “[...] tanto no Rio de Janeiro quanto no restante do país, popularizou-se o espiritismo cristão com seu corolário: a prática da caridade através do atendimento aos necessitados (ibid, p. 137)” uma vez que a doutrina, em seu período de legitimação, acabou por conseguir se colocar “[...] nos grandes centros urbanos como uma das formas terapêuticas mais acessíveis e eficazes (ibid, p. 139)”.

Ainda sobre a caridade, Cavalcanti, aponta para outra aplicabilidade desta prática dentro da estrutura espírita, já que para os adeptos é através do “[...] amor ao próximo assim expresso [...]” que “[...] o homem aprimora seu espírito e garante cobertura do plano espiritual.” Desta forma, “tanto a caridade como o estudo enfatizam o papel do homem (espírito encarnado) que se fortalece como individualidade, trabalhando o seu próprio espírito (CAVALCANTI, 1983, p. 71)”. A autora afirma ainda que é justamente por meio da caridade que a doutrina vai enfatizar “[...] seu caráter cristão[...]” através da “[...] vivência do amor ao próximo segundo os ensinamentos de Jesus reinterpretados à luz do espiritismo” (ibid p. 96). Entretanto, é possível que estes elementos fundantes da identidade espírita brasileira, sozinhos não garantiriam a legitimação que a doutrina carecia. Eis que surgiria então Chico Xavier⁶, maior expoente do espiritismo brasileiro e mediador excepcional entre a doutrina espírita e o catolicismo popular no país.

O médium mineiro Chico Xavier, nascido e educado em uma estrutura católica, viria a se tornar um personagem imbuído de uma aura que transborda “[...] sacralidade, modelo de uma proposta religiosa de alta ressonância na sociedade

⁶ Sobre o papel de Chico Xavier no delineamento do espiritismo brasileiro ver: LEWGOY, Bernardo. O Grande Mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru, SP: EDUSC, 2004. STOLL, Sandra Jaqueline. Espiritismo à Brasileira. Curitiba: Editora Orion, 2003.

brasileira, tendo cumprido um papel central na criação de um espiritismo singularmente brasileiro” (LEWGOY, 2004, p.13). Bernardo Lewgoy afirma que “a criação do mito Chico Xavier incorpora elementos da influência católica em conjunto com o evolucionismo cármico reencarnacionista [...]” executado através da diligência de um “ [...] agenciamento sincrético [...]” (ibid, p. 14) com o catolicismo popular operado nas margens do discurso dominante espírita . É neste sentido que Chico executaria um sincretismo inédito entre as duas estruturas, espiritismo e catolicismo popular brasileiro. Um forte indício deste trânsito entre as expressões religiosa se dá quando o médium passa a considerar, dentro da narrativa espírita, a “[...] admissão de entidades intercessoras[...]” (LEWGOY, 2004, p. 39)” evidenciando os trânsitos com a “ cultura católica-brasileira, repleta de hierarquias e mediações com seus anjos, santos e benfeitores, estranha à visão europeia, secular e racionalista do espiritismo de Allan Kardec” (ibid, p. 39). O papel de Chico é crucial, sobretudo porque mesmo “[...] sem romper com a doutrina do carma [...]”, o médium mineiro conseguiu desenvolver um espiritismo “[...] atravessado pela influência do catolicismo popular, pelo circuito religioso da intercessão e da graça [...]” (ibid, p. 36) em que se apresenta “[...] uma lógica personalizada, relacional e mediadora, da dádiva e da compensação, bem diferente da inexorabilidade presente em formulações anteriores sobre a categoria carma (ibid, p. 37)”.

Desta forma, como apontado por Stoll (2003), o papel de Chico Xavier enquanto liderança religiosa deve ser enxergado como constituidor da identidade espírita brasileira, pois ao alocar elementos da estrutura católica, tanto em sua própria trajetória de vida, quanto nos contornos da doutrina, ele foi o responsável “[...] pela transformação dessa que era uma doutrina estrangeira em uma religião do *ethos* nacional” (STOLL, 2003, p. 196).

Chico se apropria de algumas características da estrutura católica brasileira que definiram o retrato de sua imagem enquanto figura pública, como os “[...] votos monásticos – castidade, pobreza e obediência” (ibid, p. 173). Desta forma, Chico Xavier constitui um estilo brasileiro de ser espírita sob o alicerce da “[...] noção de santidade, um dos valores fundantes da cultura religiosa nacional” (ibid, p. 196).

Partilhando, portanto, dos valores e da ética que funda a cultura religiosa brasileira, o espiritismo encontra em Chico Xavier não apenas um instrumento de popularização da literatura doutrinária, mas, principalmente, uma liderança que, por

meio do seu exemplo de vida, consolida a participação do espiritismo no ethos religioso (ibid, p. 282).

Conformidade da doutrina no ethos religioso brasileiro

Pois bem, vimos então que através do corolário da caridade, o espiritismo empregou a prática da medicina mediúnica, assistência e a cura espiritual, de forma que ambos os elementos funcionam de forma eficaz, tanto como a ponte entre a elite do espiritismo brasileiro e as camadas mais populares da sociedade, quanto como a forma mais eficiente de difusão, legitimação e também como chamariz para novos adeptos por todo o território nacional. Desta forma, a importância do elemento da cura espiritual para a doutrina é levantada por Giumbelli (1997) ao abordar a associação do espiritismo às práticas terapêuticas e o fato de que, costumeiramente, o primeiro contato com os centros kardecistas tende a partir de uma tentativa pessoal de resolução de algum problema por meio das estruturas espirituais da doutrina. Giumbelli (1997) associa este fato ao "mosaico de formas doutrinárias e rituais caracterizados pela presença de mediunidade e possessão", (GIUMBELLI, 1997, p. 32-33) também elencada à continuidade das tradições mágicas de um catolicismo popular, de maneira que muitos passaram a enxergar o espiritismo como uma forma eficaz e acessível de medicina alternativa. Todavia, estes apontamentos podem sugerir a seguinte pergunta: o que teria levado à pronta aceitação e adesão por parte da sociedade a toda esta cultura de medicina mediúnica e cura espiritual como vias de uma medicina alternativa no país? Ponderar sobre esta questão acaba por lançar outro questionamento sobre um aspecto bastante relevante, não somente para a análise da difusão e legitimação do espiritismo no país, mas para a compreensão de uma característica elementar do meio religioso popular brasileiro daquela época.

Segundo Sanchis (1997), o meio religioso popular brasileiro desde sempre foi atravessado por um clima espiritualista em que o indivíduo religioso está constantemente circundado por forças mágicas, espíritos, santos, orixás, anjos, demônios, um verdadeiro panteão sobrenatural povoando uma visão de mundo

encantada⁷, assombrada. É neste sentido que podemos pensar a relação entre uma cultura religiosa popular encantada, uma visão que costumeiramente enxerga o mundo que a circunda através de lentes que revelam forças etéreas, espirituais, e que de certa maneira, podem ter servido como um terreno úbere para que as camadas mais populares, mas não exclusivamente elas, buscassem o atendimento espiritual da doutrina, não só nos salões da FEB, mas Brasil a fora.

Entretanto esta breve reflexão pode nos levar a nos questionarmos como tudo isso se deu em relação ao controle hegemônico da religiosidade brasileira pela igreja católica. A grande questão aqui é pensarmos se de fato, em algum momento houve uma quebra, uma ruptura com a hegemonia católica. Para pensarmos sobre isso, mesmo que de forma bastante superficial devemos voltar a refletir sobre o campo religioso brasileiro.

Sanchis (1997) entende o Brasil como um terreno que sempre foi plural quando falamos acerca da esfera religiosa. Para o autor, esta afirmação pode ser justificada através de dois pontos centrais, primeiro ao compreender o catolicismo, a expressão religiosa dominante tanto na época de inserção e difusão do espiritismo até os dias de hoje, como uma “[...] estrutura virtualmente sincrética [...]”, de forma que o Brasil, tendo “nascido católico, participa dessa tendência ao sincretismo” revelando uma possibilidade de “[...] porosidades e contaminações mútuas [...]”, sendo ativadas e processadas no que Sanchis aponta como um “[...] caldeirão de uma matriz viva, historicamente ativa e processadora das diferenças: o catolicismo”. Desta forma, toda esta abertura pôde desembocar no que o autor entende como um “[...] grande laboratório de mestiçagem cultural, quer dizer, em terreno religioso, de sincretismo” (ibid, p. 32-33). Em outras palavras,

o meio religioso brasileiro, sobretudo popular, mas não exclusivamente, vive num certo clima espiritualista que parece compartilhado por várias mentalidades no Brasil. (ibid, p. 33).

⁷ Os termos encantado e desencantamento, remetem ao sociólogo alemão Max Weber e foram empregados na tentativa de uma conceituação do período de racionalização da religiosidade ocidental. Nas palavras do próprio autor, “[...] desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação.” (WEBER, 2004, p. 106). Weber aplica o termo desencantamento ao ponderar sobre o processo de racionalização do campo religioso (ocidental) a partir do advento moderno em contraposição a um pensamento mágico, tomado por uma cosmologia encantada. (Weber, 2004).

Todo este clima espiritualista, bem como essa visão de mundo mais encantada, podem ter facilitado, ou de certo modo ter sido estruturantes em relação à adoção tanto da ênfase ao caráter religioso, bem como da prática de atendimento mediúnico e cura espiritual sob o manto da caridade como elementos em destaque nas transformações e formulações do espiritismo brasileiro, sobretudo, como apontado por Lewgoy, quando se estabeleceram a partir de Chico Xavier e seu trabalho como um grande mediador entre a estrutura espírita e a estrutura religiosa hegemônica:

Além de ampliar o leque de trocas com o catolicismo popular, onde se destaca o papel moral, espiritual, educacional e mediador [...] Chico também diversificou a interface do espiritismo com o *éthos* difusamente espiritualista das camadas populares brasileiras, permeada de crenças na atuação cotidiana de entidades invisíveis, como santos, mortos e criaturas sobrenaturais, aliás, uma antiga e disseminada visão de mundo no Brasil. (LEWGOY, 2004, p. 43).

Desta forma, todos estes elementos ao serem processados no caldeirão de um catolicismo sincrético e tendo encontrando no fenômeno Chico Xavier, um líder carismático capaz de assimilar em sua figura, características da estrutura católica brasileira, como a sacralidade, santidade, devoção, intercessão, castidade, pobreza, entre outros elementos, fizeram com que este espiritismo tão singular e inédito por desenvolvido, pudesse se disseminar dentro de uma cultura religiosa nacional, sem que se fosse necessário que se houvesse de fato uma ruptura com a estrutura do catolicismo hegemônico.

Considerações finais

A meu ver, o sucesso da doutrina veio junto de uma nascente abertura do campo religioso brasileiro, em que, ao passo que se desenrolava os conflitos com a igreja católica, a doutrina encontrou pontos de porosidade em relação ao seu universo de cura espiritual, desobsseções e um catolicismo popular bastante aberto às ideias de uma cosmologia voltada para um encantamento do mundo. Desta forma, Primeiro

com Bezerra de Menezes e sua condução de forma a orientar a FEB, principal órgão do espiritismo brasileiro, ao adotar a ênfase religiosa, a cura e a caridade, e em segundo lugar com o papel desempenhado por Chico Xavier, carismático, modelar e mediador entre o catolicismo popular e a estrutura espírita, no Brasil se desenvolveu um espiritismo legítimo, inédito, através de uma abertura gerada pelo advento moderno, que por um lado, ao apresentar a abertura do campo religioso, colocando-o em relativo movimento através da desregulação da crença por parte da igreja católica, por outro lado permitiria a abertura de um leque de novos empréstimos, novos sincretismos, novas bricolagens de crenças, possibilitando assim a relativização de fronteiras e gerando novas reinterpretações a partir de um caldeirão forjado por um catolicismo popular capaz de abraçar e modificar até mesmo crenças como o espiritismo francês, uma crença nascida no bojo da modernidade e carregando consigo traços de um pensamento tecnicista, cientificista e racional.

REFERÊNCIAS

Livro:

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

DAMAZIO, Sylvia. **Da Elite ao Povo. Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.

GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional, 1997.

LEWGOY, Bernardo. **O Grande Mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Os Mortos e os Vivos: uma introdução ao espiritismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à Brasileira**. Curitiba, PR: Editora Orion, 2003.

Artigo:

ARRIBAS, Célia da Graça. **Espíritas e Católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 13-37, jan. /jun. 2009.

ARAUJO, Augusto César Dias de. Horizonte. **Identidade e fronteiras do espiritismo na obra de Allan Kardec**. Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 117-135, jan./mar. 2010.

CAMURÇA, Marcelo Ayres **Entre o cármico e o terapêutico: Dilema intrínseco ao espiritismo**. Rhema, v.6. n.23, p.113-128. 2000.

_____. **Fora da Caridade não há Religião! Breve História da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora (1900-1960)**. Locus: Revista De História 7 (1), p.131-157. 2001.

_____. **Le Livre des Esprits na Manchester Mineira**. Rhema, v.4. n.16, p.199-223. 1998.

_____. **Heresia, Doença, Crime ou Religião**. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 40 nº2, p. 32-82. 1997.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e Multiplicidades Religiosas no Brasil Contemporâneo**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 23, n. 2, p. 261-279, maio/ago. 2008.

Sanchis, Pierry. **As religiões dos brasileiros**. Belo Horizonte, V.1, nº2. P.28-43. 2º sem. 1997.

The background features a series of overlapping, wavy, organic shapes in shades of light blue, teal, and pale yellow. These shapes are layered, creating a sense of depth and movement. The overall aesthetic is clean and modern, typical of contemporary academic or artistic book covers.

Capítulo 4
UNIVERSALIDADE E IMPARCIALIDADE NA
FILOSOFIA ESPIRITUALISTA DE PIETRO UBALDI
Alexsandro Melo Medeiros

UNIVERSALIDADE E IMPARCIALIDADE NA FILOSOFIA ESPIRITUALISTA DE PIETRO UBALDI

Alexsandro Melo Medeiros

Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia.

Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas.

Contato: alexsandromedeiros@ufam.edu.br

Resumo: Pietro Ubaldi foi um filósofo italiano, espiritualista e cristão. No conjunto de sua obra, o filósofo adota como princípios o da universalidade (todos os homens e mulheres, sem qualquer tipo de discriminação, são filhos de Deus) e imparcialidade (sem tomar partido por esta ou aquela religião) e o preceito “ama ao teu próximo como a ti mesmo” serve de pedra angular de seu programa, como o próprio autor afirma na obra “Fragmentos de Pensamento e de Paixão” (embora Ubaldi não possa ser considerado um cristão no sentido ortodoxo do termo). Os princípios da universalidade e imparcialidade decorrem deste preceito evangélico, pois não se pode amar ao próximo apenas pelo seu rótulo religioso. Deve-se amá-lo indistintamente, independente de qual religião ele professe ou de qual cultura ele faça parte. Independentemente de ser católico, protestante, muçulmano, budista, e até mesmo ateu, qualquer convicção que não agrida o próximo e seja vivida com honestidade e sinceridade merece respeito. Ubaldi é claro ao afirmar que desta visão pode nascer “um grande respeito recíproco, uma nova possibilidade de compreensão, um superior espírito de fraternidade”, ao contrário do amor à ortodoxia e da psicologia farisaica que levam a divisão e a intolerância. O nosso objetivo neste capítulo é, portanto, abordar como os princípios da universalidade e imparcialidade podem ajudar a promover a tolerância, o diálogo e a interação entre diferentes religiões.

Palavras-chave: Universalidade. Imparcialidade. Amor ao próximo.

Abstract: Pietro Ubaldi was an Italian philosopher, spiritualist and christian. In the whole of his work, the philosopher adopts as principles of universality (all men and women, without any kind of discrimination, are sons of God) and impartiality (without taking sides with this or that religion) and the precept “love thy neighbor as thyself” serves as the cornerstone of his program, as the author himself states in the work “Fragments of Thought and Passion” (although Ubaldi cannot be considered a christian in the orthodox sense of the term). The principles of universality and impartiality derive from this evangelical precept, as one cannot love one's neighbor only for his or her religious label. One should love him indiscriminately, regardless of what religion he professes or what culture he is a part of. Regardless of whether you are Catholic,

Protestant, Muslim, Buddhist, or even an atheist, any conviction that does not harm others and is lived with honesty and sincerity deserves respect. Ubaldi is clear in stating that from this vision “a great reciprocal respect can be born, a new possibility of understanding, a superior spirit of fraternity”, contrary to the love of orthodoxy and pharisaic psychology that lead to division and intolerance. Our aim in this chapter is therefore to address how the principles of universality and impartiality can help to promote tolerance, dialogue and interaction between different religions.

Keywords: Universality. Impartiality. Brotherly Love.

INTRODUÇÃO

Pietro Ubaldi foi um filósofo italiano, espiritualista e cristão. Embora tenha nascido na Itália, na cidade de Foligno, em 1886, viveu os últimos vinte anos de sua vida aqui no Brasil, onde faleceu em 1972, por isso, o conjunto de suas obras é dividida em duas partes: a obra italiana, que inclui as *Grandes Mensagens* e vai do seu primeiro livro *A Grande Síntese* até o livro *Deus e Universo*; e a obra brasileira, com os seus escritos posteriores até o último livro *Cristo*.

No conjunto de sua obra, o conceito de evolução desempenha um papel crucial e dele não poderemos prescindir na análise do tema em pauta. Inclusive este foi o tema de seu primeiro ensaio, publicado na revista *Constancia*, de Buenos Aires:

em 1927, sentado à beira-mar, na praia de Falconara, contemplando o Adriático, ele vislumbra, num lampejo, genial, a estrutura íntima do universo, anunciando o seu físico-dinamo-psi-quismo. Segue-se o seu primeiro ensaio: “Evolução Espiritual” – cem páginas onde aparecem as primeiras tentativas sérias do grande voo (SILVA, 2015, p. 11).

O conceito de evolução, embora não seja o tema central deste artigo, nos ajudará a entender como a máxima do Evangelho do Cristo: *ama ao teu próximo como a ti mesmo*, expressa uma lei de um plano biológico mais evoluído, que não é aquele do plano biológico animal e, por isso, as condições de maturidade espiritual (resultado de todo um processo evolutivo), são determinantes para que um indivíduo possa manifestar esse amor dentro de uma visão mais ampla, coletiva e compreender que

toda a humanidade faz parte de uma mesma família, ao invés de lutar contra o próximo e considerá-lo um seu inimigo.

Além do conceito de evolução, daremos ênfase aos princípios de universalidade e imparcialidade, ressaltados pelo pensador italiano e, por isso, o nosso objetivo com este artigo, que adota como metodologia a pesquisa bibliográfica, é abordar como tais princípios podem ajudar a promover a tolerância, o diálogo e a interação entre diferentes religiões.

Com base em tais princípios, veremos como a obra de Ubaldi nos indica um caminho a percorrer que seja um caminho de paz e fraternidade e não de ódio ou divisão, um caminho que ele próprio procurou percorrer, procurando sempre estar de acordo com a Lei de Deus:

Pietro Ubaldi foi um permanente observador do funcionamento da Lei de Deus em sua vida. Vivia segundo a vontade da Lei, como Cristo o fez: Não faço a minha vontade, mas Daquele que me enviou. O missionário de Cristo afirmou, muitas vezes de maneira diferente a mesma coisa: Vivo de acordo com a Lei; ela exerce uma tremenda força sobre mim; A Lei é a nossa vida. Conhecê-la e executá-la cada vez melhor, redundará em vivê-la mais intensamente (Amaral, 2020, p. 250-251).

UNIVERSALIDADE E IMPARCIALIDADE

No conjunto de sua obra, o filósofo adota como princípios o da *universalidade* e *imparcialidade*.

A tese que sustentei desde 1951, em minha primeira chegada ao Brasil, e que já havia sustentado na Europa, foi a de “imparcialidade e universalidade”. Permaneci a ela igualmente fiel, diante desta ou daquela religião. Mas, todas mostraram a mesma vontade de enclausurar-me e fechar-me em seu próprio grupo, impondo-me uma verdade já feita, que exclui qualquer pesquisa e condena toda tentativa de progresso e aperfeiçoamento (Ubaldi, 2001, p. 243).

A preocupação de Ubaldi com tais princípios se revela, por exemplo, quando o pensador italiano solicitou a alteração do nome da Associação Brasileira dos Amigos

de Pietro Ubaldi (ABAPU), instituída em Campos, no Rio de Janeiro, em 1949. Pediu que “fosse substituída pela de ABUC (Associação Brasileira da Universalidade de Cristo), para que a ideia se antepusesse a qualquer personalismo. E este é já um princípio geral para ser vivido” (Ubaldi, 1987, p. 21).

Essa preocupação, de fazer com que sua obra não tomasse um caráter personalista, se expressa igualmente quando Ubaldi afirma que seu objetivo não é a busca de adeptos e seguidores, como o fazem as mais diferentes religiões. “Falo bem claro: não quero de maneira nenhuma chefiar coisa alguma na Terra; não quero conquistar poder algum neste mundo. Não há, assim, qualquer razão para rivalidades” (Ubaldi, 2001, p. 24).

Outro caso curioso, é relatado pelo filósofo na passagem seguinte:

Uma vez expliquei a alguém o meu ponto de vista da imparcialidade e universalidade. Sua face iluminou-se e, de súbito, respondeu: “compreendo, trata-se de um novo partido: o dos imparciais e universalistas”. Este fato mostrou-me como a forma mental comum não consegue conceber coisa alguma se não a vê bem fechada dentro dos limites do relativo, isto é, dum grupo particular bem separado dos outros e logicamente em luta entre si (Ubaldi, 2001, p. 23).

Como entender tais princípios? Ou seja, o que quer dizer o filósofo com universalidade e imparcialidade? Encontramos uma definição do próprio autor no Capítulo 2, do livro *A Lei de Deus*, que tem como título *Separatismo Religioso*, e que traz a seguinte epígrafe: *Respeito por todas as crenças*.

[...] imparcialidade quer dizer não-existência de partido, compreendendo-os a todos; significa não ficar fechado na forma mental de facção ou de grupo particular algum, sobretudo quando este grupo, seja ele qual for, se impõe combater outros grupos, julgando-os errados e maus e, porque sendo diferentes dele próprio, persegue-os com as suas condenações (Ubaldi, 2001, p. 20-21).

Sua filosofia se propõe, portanto, não fechar-se na forma mental de um grupo ou partido e, inclusive, ser considerado um movimento supra-religioso, que não agrida nenhuma expressão religiosa “mas as respeita todas, antes de tudo reconhecendo-as, tanto que as envolve todas num único amplexo” (Ubaldi, 1987, p. 16). E pode até

não parecer óbvio que assim seja, em uma análise superficial, mas se considerarmos que Deus deve ser o mesmo para todos, não há porque acreditar que uma crença seja melhor do que outra.

O princípio da universalidade decorre do fato de que todos os homens são filhos do mesmo Deus: “um só Deus, pai de todos” (Ubaldi, 1987, p. 24). Universalidade significa não impor qualquer barreira de religião, nacionalidade ou raça que possa dividir os homens. A única divisão aceita não é aquela religiosa, mas a de justos e injustos. É o que encontramos, por exemplo, na *Mensagem de Natal*⁸:

Falo hoje a todos os justos da terra e os chamo de todas as partes do mundo a fim de unificarem suas aspirações e preces numa oblata que se eleve ao céu. Que nenhuma barreira de religião, de nacionalidade ou de raça os divida, porque não está longe o dia em que somente uma será a divisão entre os homens: justos e injustos (Ubaldi, 2012, p. 11).

A UNIVERSALIDADE DO AMOR AO PRÓXIMO

O Evangelho do Cristo está na base do conjunto de toda a obra de Ubaldi: “Tudo aquilo que não pode permanecer no Evangelho de Cristo não pode igualmente permanecer neste movimento. Não é possível distorcer em nenhum sentido estas palavras” (Ubaldi, 1987, p. 16). Embora Ubaldi não possa ser considerado um cristão no sentido ortodoxo do termo, o preceito *ama ao teu próximo como a ti mesmo* serve de pedra angular de seu programa.

Por isso, se pode pensar em como os princípios da universalidade e imparcialidade decorrem do preceito evangélico *ama ao teu próximo como a ti mesmo*, pois não se pode amar ao próximo apenas pelo seu rótulo religioso. Deve-se amá-lo

⁸ A *Mensagem de Natal* foi a primeira, de um conjunto de sete mensagens, de elevado teor espiritual, recebidas por Ubaldi, de forma intuitiva, cuja fonte de origem ele chamou de *Sua Voz*. Esta primeira mensagem foi ditada na noite de Natal de 1931, daí o seu título. “Após a reunião em família, tão comum nesta época, e participar da ceia, desejando a todos um Feliz Natal, dirigiu-se ao seu escritório no último andar da torre da Tenuta Santo Antonio. Ali teve o início da missão de Pietro Ubaldi [...] Sempre orientado por Sua Voz, que ditou a primeira Mensagem, naquela noite de Natal de 1931” (Amaral, 2020, p. 86).

indistintamente, independente de qual religião ele professe ou de qual cultura ele faça parte. Independentemente de ser católico, protestante, muçulmano, budista, e até mesmo ateu, qualquer convicção que não agrida o próximo e seja vivida com honestidade e sinceridade merece respeito.

Ao falar do Amor de Cristo, Ubaldi afirma que não temos mais necessidade de novas religiões e, por isso, ele mesmo não teve a pretensão de fundar um novo movimento, doutrina filosófica ou religiosa. Mais importante do que fazer prosélitos a favor de uma religião, condenando as outras, é fundamental que as pessoas tornem-se boas e honestas e isto serve para todas as religiões.

Ubaldi afirma que todos aqueles que simpatizam com sua obra e, portanto, desejem aderir a tal movimento “devem manter-se dentro do princípio fundamental do Evangelho: ‘Ama a teu próximo como a ti mesmo’. Não existe outro caminho possível” (Ubaldi, 1987, p. 16).

Mas porque razão, mesmo passados mais de dois mil anos, a humanidade ainda não aprendeu essa lição aparentemente simples? Para compreender esta questão, é preciso levar em consideração que a filosofia de Ubaldi é evolucionista, quer dizer, para o pensador italiano, o espírito deve percorrer um longo caminho cujo ponto de partida é a matéria: do reino mineral passa ao vegetal, animal, subindo sempre, até chegar ao estágio humano⁹. E no homem, esse processo ainda se estende por vários séculos e até milênios: “Num plano de existência muito mais alto, a evolução realiza-se no homem, através do homem que exprime uma fase dela [...] em direção a planos de existência cada vez mais altos” (Ubaldi, 1995, p. 66-67).

À continuidade da evolução orgânica temos a evolução psíquica que se realiza no homem, a meta mais alta da vida. O processo evolutivo que se inicia na matéria, transubstancia-se no espírito, “santificando-a, assim, até que no homem e mais acima dele, conquiste cada vez mais consciência, e assim o alfa se reúna ao ômega, a criação volte ao criador” (Ubaldi, 1995, p. 73).

⁹ O conceito de evolução aparece em diferentes obras de Ubaldi, entretanto, considerando que aqui só poderemos fazer uma rápida exposição, indicamos algumas obras ao leitor: *Ascese Mística*: capítulos 9 a 13; *Fragmentos de Pensamento e de Paixão*: segunda parte; *O Sistema*: primeira parte; *Queda e Salvação*: capítulos 1, 8, 10, 11, 14.

Por que ressaltamos esse aspecto evolutivo da obra ubaldiana? Por que as condições de maturidade psíquica e espiritual determinam se um indivíduo está mais próximo de uma visão individualista ou coletivista do amor universal. Todos, sem exceção, amam. Alguns, porém, devotam esse amor de forma mais direta apenas a sua família, parentes e amigos. Outros compreendem que toda a humanidade faz parte de uma família universal e, por isso, são capazes de expressar esse amor de forma menos restrita.

O Amor é lei universal da vida e todos, desde os animais até o homem, amam, só que amam cada um de acordo com o seu nível evolutivo. O mandamento *ama ao teu próximo como a ti mesmo* expressa uma lei de um plano biológico mais evoluído, que não é aquele do plano biológico animal.

As leis da vida mudam, relativamente ao grau de evolução que se atingiu. A lei feroz da luta pela seleção do mais forte é lei em nosso plano animal, em que os seres não se conhecem uns aos outros. Encontram-se num estado caótico em que o indivíduo está sozinho, com suas forças, contra todos (Ubaldi, 2001, p. 249).

Amadurecer espiritualmente significa evoluir, e assim aprender a lei de amor do Evangelho, colaborar com o próximo, ao invés de lutar contra ele. Mas na humanidade atual ainda prevalece o biótipo comum que usa a força para vencer.

Eis a que se propõe o Evangelho, uma tarefa árdua e trabalhosa de transformar um tipo biológico egoísta em um tipo biológico oposto, altruísta.

“Ama a teu próximo” será o conceito-base das sociedades futuras mais evoluídas [...] Nossa sociedade está nos antípodas do “ama a teu próximo”. Vive-se hoje o princípio oposto: “esmaga teu próximo, antes que teu próximo te esmague” (Ubaldi, 2001, p. 258).

A evolução caminha de uma fase para outra, da animalidade para a civilização. Todos nós temos, dentro de nós, os recursos para fazer desta, uma humanidade mais solidária e fraterna, menos bárbara e intolerante. O Evangelho serve como guia, mas os esforços para colocar seus ensinamentos em prática deve ser nosso. Desenvolver uma maior tolerância com as diferenças, uma maior compreensão da nossa realidade

a ponto de entender que o próximo não é um inimigo que devemos combater a todo custo, mas alguém a quem devemos amar, é tarefa nossa.

Vejamos agora como, a partir da visão universalista do filósofo italiano, baseada no amor ao próximo, tal como encontramos na Boa Nova do Cristo, decorre uma visão de tolerância e respeito para com todas as pessoas, independentemente de suas crenças e nacionalidades.

TOLERÂNCIA E RESPEITO

Ubaldi é bastante claro ao afirmar que desta visão de mundo baseada no amor ao próximo, pode nascer um grande respeito recíproco, uma nova possibilidade de compreensão, um espírito de fraternidade, ao contrário do amor à ortodoxia e da psicologia farisaica que levam a divisão e a intolerância.

Pelo princípio da universalidade, a obra de Ubaldi nos ajuda a entender que vivemos em uma realidade plural. Nos possibilita pensar na complexidade e riqueza das relações entre as diferentes culturas e, assim, promover a tolerância e o diálogo intercultural e interreligioso.

Que no terreno filosófico, político, religioso, isso signifique tolerância. Não, porém, uma tolerância raivosa, na atitude de quem suporta com desdém o erro alheio; ao contrário, uma tolerância que busca os pontos de contato, os pontos comuns, e se alegra quando pode dizer: “Mas, então, concordamos em muitas coisas! Não estamos, pois, tão distanciados quanto nos parecia. Podemos entender-nos um pouco e não há necessidade de contenda” (Ubaldi, 1987, p. 23).

Uma tolerância que leva em consideração os diferentes tipos de crença e religiosidade e que, segundo o filósofo, mais do que qualquer rótulo, o que importa é a sinceridade e a honestidade com que cada indivíduo vive a sua fé: “Que importa pertencer a esta ou aquela religião, quando não se é sincero nem honesto?” (Ubaldi, 1987, p. 28).

Naturalmente, não se trata de negar as diferenças que existem entre as mais diferentes religiões. Há aquilo que distingue os indivíduos uns dos outros por suas

crenças e valores culturais. Todavia, se queremos estabelecer algum tipo de distinção, esta não deve ser aquela

vigorante em nosso mundo: católicos, protestantes, espiritistas, teosofistas, maçons, maometanos, budistas etc. — mas, sim, o justo e o injusto. Esta é a distinção substancial, a que tem valor diante de Deus, muito mais importante que a outra, que pode ser apenas formal (Ubaldi, 1987, p. 28).

É natural que haja culturas e valores diferentes entre os mais variados povos. O que não podemos aceitar é que essa divisão gere a intolerância e o desrespeito para com os valores do próximo. “Ora, esse espírito de divisionismo e de exclusivismo e a luta que daí deriva representam os instintos próprios de um plano biológico atrasado, que o progresso espiritual do mundo se apressará em liquidar” (Ubaldi, 2001, p. 244).

Esse tipo de intolerância conduz a uma total falta de respeito com os valores do próximo e em alguns casos até a agressividade, como foi o caso do pastor neopentecostal, Sérgio von Helder que, em 1995, chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida (exatamente no dia 12 de outubro de 1995, data que marca o feriado destinado a homenagear a Santa). A atitude foi transmitida ao vivo pela rede Record de Televisão em programa apresentado pelo pastor e “provocou polêmica e indignação em todo o país e até mesmo no contexto internacional, ao agredir uma imagem da supracitada santa durante o programa religioso ‘O Despertar da Fé’” (Oliveira, 2018, p. 31).

Outro exemplo de intolerância foi a chamada “batalha espiritual” contra os “orixás, cablocos e guias”, declarada pelo fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o bispo Edir Macedo (Silva, 2007).

A questão a ser considerada não é que existam religiões e valores diferentes. “Não é a diferença ideológica dos pontos de vista das religiões que deixamos de aceitar. Tudo isso é natural e lógico” (Ubaldi, 2001, p. 21). O problema é afirmar a própria verdade condenando como erradas as verdades dos outros. Por isso, se torna inaceitável a atitude de condenação, de exclusividade da posse da verdade e, não raro, de agressividade com que alguns indivíduos são levados a defender a sua verdade ou a verdade de seu grupo religioso. Por isso, diz Ubaldi (2001, p. 21): “Não

nos interessa tomar parte nestas rivalidades terrenas, que nada têm a ver com a pesquisa da verdade que buscamos”.

O problema é que, em sua grande maioria, as religiões pretendem ter a posse da verdade universal: “todas as igrejas querem ser universais, mas apenas no sentido imperialista: todas querem unificar mas debaixo do próprio domínio. Não foi nesse sentido que compreendi a universalidade” (Ubaldi, 2001, p. 243). Esse tipo de universalidade não traz benefício algum para o conjunto da humanidade e em alguns casos se expandiu de tal forma que pretendeu conquistar tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o filósofo espiritualista e cristão, Pietro Ubaldi, o Evangelho da Boa Nova do Cristo com a sua máxima do amor ao próximo constitui um dos mais importantes alicerces para a nossa sociedade. Não apenas da sociedade presente, mas também da futura sociedade que, mais evoluída, deverá enfim cumprir com os mandamentos que o Cristo deixou para nós há mais de dois mil anos.

Ubaldi é um filósofo evolucionista e, como tal, crê que a humanidade tem seus períodos de infância e maturidade espiritual. Por isso, evoluir espiritualmente significa ter uma visão mais ampla da realidade e compreende que os ensinamentos do Cristo não são privilégios desta ou daquela religião, mas dizem respeito a toda humanidade. Por isso o filósofo adota como princípios de sua filosofia a universalidade e a imparcialidade que significa a não ficar fechado dentro da forma mental de um grupo particular, seja ele religioso, político ou cultural. Significa compreender que todos os homens, independente de crença, raça ou nacionalidade, são irmãos, porque são filhos do mesmo Pai, que é Deus.

Por isso, universalidade e imparcialidade significam não impor qualquer barreira de religião, nacionalidade ou raça que possa dividir os homens e muito menos agredir qualquer forma de expressão religiosa, mas, ao contrário, respeitá-las, todas.

Com tais princípios de universalidade e imparcialidade, que decorrem da máxima “ama ao teu próximo como a ti mesmo”, Ubaldi nos indica um caminho a percorrer que seja um caminho de paz e fraternidade e não de ódio ou divisão e nos

permite concluir que, se a tolerância e o respeito decorrem da prática evangélica do “amor ao próximo”, a intolerância e o ódio são frutos do princípio oposto: “esmaga o teu próximo, antes que teu próximo te esmague”.

Referências

AMARAL, José. **Pietro Ubaldi, o Missionário**. Campos dos Goytacazes-RJ: Fraternidade Francisco de Assis. Instituto Pietro Ubaldi, 2020.

OLIVEIRA, Mariana Montalvão. **A Questão da Intolerância Religiosa, na Perspectiva do Direito Brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito), Curso de Direito – UniEvangélica, Anápolis-GO, 2018.

SILVA, Manuel Emygdio da. **O Gênio de Ubaldi e a Evolução da Humanidade** (colóquios e correspondências). Brasília: Ontoletras, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

UBALDI, Pietro. **Grandes Mensagens**. Tradução de Clóvis Tavares. Brasília-DF: Instituto Pietro Ubaldi, 2012. (Obras completas de Pietro Ubaldi, v. 1).

_____. **Fragmentos de Pensamento e de Paixão**. 4. ed. trad. Rinaldi Rondino e Clóvis Tavares. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1987. (Obras Completas de Pietro Ubaldi, v. 6)

_____. **A Lei de Deus**. 5. ed. Campos dos Goytacazes-RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 2001. (Obras Completas de Pietro Ubaldi, v. 17)

_____. **A Descida dos Ideais**. Campos dos Goytacazes-RJ: Fraternidade Francisco de Assis, 1995.



AUTORES

Adenilton Moises da Silva

Doutorando em Ciências da Religião, na UNICAP; Ms. em Ciências da Religião, na UNICAP; Licenciatura em Filosofia pelo INSAF.

Alexsandro Melo Medeiros

Doutor em Sociedade e Cultura da Amazônia. Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas.

Caio Felipe Gomes Violin

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na linha de pesquisa teoria, história e crítica em arquitetura e urbanismo (Bolsa NAS). Mestrando em História, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa cultura e etnicidade (Bolsa CAPES). Pós-Graduado “Lato Sensu” em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Campos Elíseos. Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2017), licenciado em História pelo Centro Universitário Fieo (2021) e graduando em Teologia na Universidade Católica de Dom Bosco (2022). Foi Bolsista CNPq de Iniciação Científica entre 2018 e 2020. Leciona Filosofia e História na Rede Pública de Ensino Médio em Campinas-SP. E-mail: caioempreg@hotmail.com

Nívia Romária Domíngues Viçosa

Pós-Graduada em Missiologia pela Faculdade João Pauloll Marilia (2021). Pós-graduada em Educação Infantil pela UNICID (2012). Licenciada em Pedagogia pela Faculdades Anhanguera (2018). Servidora Pública em Louveira- SP. E-mail: n_nivia@hotmail.com

Vitor Cesar Presoti

Mestrando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Concentra suas pesquisas no desenvolvimento do Espiritismo brasileiro.




Editora
UNIESMERO

ISBN 978-658459979-6



9 786584 599796